

NOVOS Rumos

Revista oficial da Associação dos Magistrados do Paraná e Judicemed



Impresso Especial

001227716-3/11 DR/PR
AMAPAR
CORREIOS

ATS: agora é no plenário do Senado

“Somente com a mobilização geral, como está ocorrendo agora, é que será possível recompor tantas perdas”, pontua o presidente da AMAPAR, Frederico Mendes Júnior.

Amapar e Judicemed | Edição nº 186 | www.amapar.com.br



Diretas já
no Poder Judiciário

Abre o debate sobre as diretas no Poder Judiciário. Pág. 10

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Rômulo Cardoso

EDIÇÃO GRÁFICA

Bruna Zonatto

REVISÃO DE TEXTO

Maurício Bevervanso

FOTO DE CAPA<http://senado.gov.br>

FALE CONOSCO Críticas, comentários e sugestões podem ser enviados para o e-mail imprensa@amapar.com.br ou pelo telefone (41) 3017-1622.

AMAPAR**Presidente** Frederico Mendes Junior**1.º Vice-Presidente** Nilce Regina Lima**2.º Vice-Presidente** Laryssa Angélica Copack Muniz**3.º Vice-Presidente** Aurênio José Arantes de Moura**4.º Vice-Presidente** Luiz Taro Oyama**5.º Vice-Presidente** João Maria de Jesus Campos Araújo**6.º Vice-Presidente** Geraldo Dutra de Andrade Neto**1.º Secretário¹** Márcio José Tokars**2.º Secretário¹** Roberto Antonio Massaro**1.º Tesoureiro¹** César Ghizoni**2.º Tesoureiro¹** Michela Vechi Saviato**Diretores Executivos**

Eduardo Casagrande Sarrão

Diego Santos Teixeira

Nicola Frascati Junior

Fábio André Santos Muniz

Fernando Bueno da Graça

Noeli Salete Tavares Reback

Antonio Lopes de Noronha Filho

Luiz Fernando Tomasi Keppen

JUDICEMED**Presidente** Frederico Mendes Junior**Vice-Presidente** Luciano Carrasco Falavinha Souza**Diretor Financeiro** Luis Carlos Xavier**Diretor Administrativo** Nicola Frascati Junior**Conselho Fiscal - Presidente** Stewalt Camargo Filho**Conselho Fiscal – Membros**

Rui Antonio Cruz

José Candido Sobrinho

Conselho Fiscal – Suplente

Michela Vechi Saviato

Conselho Gestor

Antonio Renato Strapasson

Hayton Lee Swain Filho

Shiroshi Yendo

Antonio Loyola Vieira

EMAP**Diretor Geral** Francisco Cardozo Oliveira**Supervisor Pedagógico** Lourenço Cristóvão Chemim**Coord. Geral de Cursos** Rodrigo Fernandes Lima Dalledone**Curitiba - Diretor** Daniel Ribeiro Surdi de Avelar**Curitiba - Vice-Diretor** Eduardo Novacki**Cascavel - Diretor** Leonardo Ribas Tavares**Cascavel - Vice-Diretor** Filomar Helena Perosa Carezia**Foz do Iguaçu - Diretor** Wendel Fernando Brunieri**Foz do Iguaçu – Vice-Diretor** Marcos Antonio de Souza Lima**Londrina – Diretor** Rodrigo Afonso Bressan**Londrina – Vice-Diretor** José Ricardo Alvarez Vianna**Maringá – Diretor** Fabio Bergamin Capela**Maringá - Vice-Diretor** Marcel Ferreira dos Santos**Ponta Grossa – Diretor** Hélio César Engelhardt**Ponta Grossa – Vice-Diretor** Gilberto Romero Periotto

Apoio e Valorização ao Magistrado Sigurd Roberto Bengtsson **Segurança** Leonardo Bechara Stancioli **Boas Práticas** Joeci Machado Camargo **Assuntos Institucionais** Carlos Henrique Licheski Klein **Assuntos Legislativos** Glaucio Alessandro de Oliveira, Antônio José Carvalho da Silva Filho **Assuntos Previdenciários** Marcos Antonio da Cunha Araújo **Aposentados** João Maria de Jesus Campos Araújo **Diretor Comunicação Social** Rogerio Ribas, Marcelo Pimentel Bertasso **Convênios** Francisco Carlos Jorge **Cultural - Diretor** Noeval de Quadros **Cultural - Membros** Ivanise Maria Tratz Martins, Flavia da Costa Viana, Fernanda Karam de Chueiri Sanches, Osvaldo Canela Junior **Divulgação e Revista** Joatan Marcos de Carvalho **Esportes** Davi Pinto de Almeida **Atletismo** Roger Vinicius Pires de Camargo Oliveira **Atletismo** Shaline Zeida Ohi Yamaguchi **Futebol** Davi Pinto de Almeida **Esporte Feminino** Fernanda Karam de Chueiri Sanches **Informática** Rui Portugal Bacellar Filho **Integração - Curitiba, RMC e Litoral** Bruna Cavalcanti de Albuquerque Zandomeneco **Integração - Interior** Marcelo Pimentel Bertasso **Jurídico** Antonio Mansano Neto **Direitos Humanos** Sérgio Luiz Kreuz **Memória e Arquivo** Chloris Elaine Justen de Oliveira **Mútua** Themis Almeida Furquim **Obras - Diretor** Fernando Ferreira de Moraes **Obras - Vice-Diretor** Luiz Carlos Bellinetti **Ouvidoria** Suzana Massako Hirma Loretto de Oliveira **Patrimônio** Marco Vinicius Schiebel **Pensionistas** Marília de Oliveira Viel **Planejamento Estratégico** Wellington Emanuel Coimbra de Moura **Sersocial - Diretor** Joel Pugsley **Sersocial - Membros** José Luiz Dosciatti, Gilberto Ferreira, Raul Luiz Gutmann, André Carias de Araújo **Social - Diretora** Beatriz Fruet de Moraes **Vice-Diretora** Ana Paula Kaled Accioly Rodrigues da Costa **Vice-Diretora** Andrea Fabiane Groth Busato **Tênis - Diretor** Wilson José de Freitas Junior **Tênis - Diretor** André Carias de Araújo **SEDES Colombo - Diretor** José Luiz Dosciatti **Foz do Iguaçu - Diretor** Geraldo Dutra de Andrade Neto **Foz do Iguaçu - Vice-Diretor** Wendel Fernando Brunieri **Guaratuba - Diretor** João Maria de Jesus Campos Araújo **Guaratuba - Vice-Diretor** Marcos Antonio da Cunha Araújo **Maringá - Diretor** Antonio Mansano Neto **Maringá - Vice-Diretor** José Camacho Santos **Pilarzinho - Diretor** Leomir Binharda de Mello **Pilarzinho - Vice-Diretor** Romero Tadeu Machado **Piraquara - Diretor** Nelson França Pereira **Piraquara - Vice-Diretor** Davi Pinto de Almeida **Ponta Grossa - Diretor** Noeli Salete Tavares Reback **Ponta Grossa - Vice-Diretor** Heloisa da Silva Krol **Conselho Fiscal - Presidente** Jederson Suzin **Membros** Jeane Carla Furlan, Giovanna Rechia de Sá, Jurema Carolina da Silveira Gomes, Marcel Ferreira dos Santos, Marcos Antônio de Souza Lima, Ricardo Henrique Ferreira Jentzsch, Ricardo Luiz Gorla, Walter Ligeiri Junior **Suplentes** Beatriz Fruet de Moraes, Branca Bernardi, Fabrício Voltaré, Juliano Albino Mânica, Marcelo Quentin **Comissão Prerrogativas - Presidente** Carlos Eduardo Mattioli Kockanny **Membros da Comissão** Carlos Henrique Licheski Klein, Alexandre Gomes Gonçalves, Osvaldo Soares Neto, Ariel Nicolai Cesa Dias.



Não poderia começar de outra forma, a não ser agradecendo: “muito obrigado”. Apesar de ser a forma mais corriqueira de se agradecer, de demonstrar satisfação, é a que melhor expressa o sentimento desta nova diretoria com nossos associados. Queremos dar a expressão um sentido maior ainda, de alguém que sabe que está recebendo um bem de outrem, e que se sente obrigado a retribuir. Nestes primeiros quatro meses a diretoria da Associação recebeu apoio integral e entusiasmado para tudo que se dispôs a realizar. Nada foi feito sozinho. Sempre associados de um canto ou outro do Paraná estiveram presentes – e é isso que nos dá legitimidade, força para continuar. Estamos motivados e prontos para ir com a magistratura paranaense onde ela merece estar, em lugar de destaque no cenário nacional, bem remunerada e com estrutura adequada de trabalho.

O Judiciário se ressentido de maior democracia interna. Não há hierarquia entre juízes para entregar jurisdição, mas somente divisão de competências – tanto é assim que ninguém pode ordenar ao outro que julgue de uma forma ou de outra. Todos os magistrados são órgãos de poder e como tal, é incompreensível que apenas os que atuam em 2º grau participem do processo de escolha dos dirigentes. Este modelo atual, indiscutivelmente em declínio, favorece a criação de ilhas de administração praticamente impermeáveis à maior parte dos magistrados – principalmente para aqueles que estão fora do centro de poder. Em um ambiente de administração realmente democrático não pode existir dificuldade de comunicação, ainda que quanto aos níveis mais complexos de informação. A resposta, para a magistratura, jamais pode ser o silêncio. Da administração esperam-se respostas objetivas, claras, que não permitam mais de uma interpretação.

O auxílio-moradia, pauta zero da magistratura paranaense, que recebeu o esforço individual de cada magistrado do Paraná, está caminhando. As coisas não estão acontecendo na forma e tempo esperados pela magistratura – mas temos a crença (e estamos empenhados nisso) que o assunto será resolvido em breve.

O ATS (VTM) tem sofrido constantes ataques – como as emendas apresentadas pela base governista. Estas emendas, após muito trabalho da magistratura, acabaram naufragando com a retirada de assinaturas – o que implica em arquivamento, sem necessidade de retorno da PEC para a CCJ do Senado. Há expectativa que, até meados de julho, seja possível levar o tema ao plenário para votação.

Investir no 1º grau faz parte da política nacional para o Judiciário. O CNJ foi feliz ao editar resolução sobre o assunto, passando a monitorar os investimentos dos Tribunais. É no 1º grau que estão concentrados mais de 90% dos processos em andamento – e naturalmente é onde há maior congestionamento (não obstante o esforço e dedicação ao trabalho dos magistrados paranaenses). Em 2011/2012 o 1º grau de jurisdição recebeu especial atenção da administração e destinação de recursos. Foi feito, neste curto espaço de tempo, muito mais do que poderia ser imaginado: quase uma revolução. No entanto, não se pode parar por aí. Com o avanço do processo digital há necessidade de incrementar o gabinete do julgador (que acaba funcionando como um funil na movimentação processual). Há um deslocamento da necessidade de servidores das secretarias para os gabinetes – até porque boa parte da rotina cartorária é suprida pelo sistema.

A nossa comissão de prerrogativas já mostrou que veio para ficar. Foram mais de vinte atendimentos nestes primeiros meses. Alguns ensejaram, por enquanto, mero aconselhamento; outros, porém, implicaram em ações judiciais, defesas administrativas e ações perante a sociedade civil. Tanto está funcionando que tem sido procurada pela magistratura paranaense – que é quem a legitima. Além da provocação dos associados, a comissão de prerrogativas tem desenvolvido trabalho de análise de atos normativos que, eventualmente, possam implicar em violação a direitos e prerrogativas da magistratura.

Por fim, a diretoria da AMAPAR sempre terá humildade para ouvir a todos, mudar de direção quando convencida do equívoco, conviver com as incompreensões e adversidades. De outro lado, terá altivez para não ceder a pressões ou forças ilegítimas, para não baixar a cabeça diante dos argumentos de autoridade, não razoáveis e injustos.

Tenha uma boa leitura.

Um forte abraço,

Frederico Mendes Júnior

Presidente da Associação dos Magistrados do Paraná

juizfredericomendesjunior@gmail.com

Representante da bancada paranaense, o tucano Álvaro Dias afirma que o ATS serve de motivação profissional para magistrados



PEC do ATS avança para o plenário do Senado

CCJ e CNJ aprovam a valorização por tempo de carreira para magistrados

Ventos favoráveis no Senado - A PEC nº 63/2013, que estabelece Adicional por Tempo de Serviço (ATS) para magistrados deu um passo de extrema valia com a aprovação, em sessão realizada do dia 21 de maio, na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado Federal.

Após um pedido de vista em sessão anterior, muitas tratativas e debates aprofundados, a PEC apresentada pelo senador Gim (PTB-DF) segue, agora, para dois turnos de votação no Plenário do Senado. Mais de 20 senadores se manifestaram sobre a proposta na CCJ e até quem declarou voto contrário, como a senadora Gleisi Hoffmann (PT-PR), reconheceu a defasagem salarial e a existência de distorções nas diversas carreiras da magistratura brasileira. A matéria foi aprovada com os votos contrários dos senadores Eduardo Suplicy (PT-SP), Armando Monteiro (PTB-PE), Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) e Gleisi.

Argumentos - Presidente da CCJ e relator da PEC, o senador Vital do Rêgo (PMDB-PB) salientou que o Adicional por Tempo de Serviço traz atratividade à carreira da magistratura, que tem sofrido com abandonos decorrentes da desvalorização.

“Somente nos últimos quatro anos, o Poder Judiciário perdeu cerca de 600 magistrados”, comentou.

O parlamentar Cassio Cunha Lima (PSDB-PB) também falou da falta de magistrados frente às vagas abertas no país, além de salientar que juízes não ocupam funções partidárias, não atuam como empresários e também possuem outras restrições. “Os números apontam que das 22 mil vagas de magistrados no país, apenas 16 mil estão preenchidas”, informou, ao comentar do desestímulo da carreira, no tocante à remuneração.

Para o senador do Paraná, Álvaro Dias (PSDB), magistrados e membros do MP são duas classes de extrema importância e merecem motivação profissional. “O mais adequado, agora, é não protelar”, afirmou. Dias também falou que a valorização remuneratória de profissionais tão qualificados terá retorno inegável para o país.

AMAPAR presente – Uma comitiva do Paraná - formada pelo presidente da AMAPAR, Frederico Mendes Júnior, o juiz Nicola Frascati Junior e os desembargadores Jorge Massad e Vilma Régia Rezende - acompanhou in loco a sessão. O presidente da AMATRA,

“É inegável a necessidade da criação de mecanismos que permitam, de um lado, retornar a atratividade das carreiras da magistratura e, de outro, enfatizar a sua posição institucional peculiar”
Senador Vital do Rêgo



José Aparecido dos Santos, também esteve presente. Cabe ressaltar que a desembargadora Vilma Régia, que estava em um congresso na Capital Federal, fez questão de apoiar a magistratura paranaense e também acompanhou toda a sessão.

O magistrado Frederico Mendes Júnior destaca que a AMAPAR tem participado do processo para o restabelecimento do ATS desde o início. No último mês, segundo informa o dirigente da Associação, os trabalhos foram intensificados. “Nas últimas quatro semanas estivemos em Brasília. Falamos com parlamentares do Paraná por várias vezes, além de lideranças de outros estados, sempre expondo as necessidades e angústia que se vive atualmente. Essa medida é indispensável para a reestruturação da carreira da magistratura no Brasil”, afirma.

Para Frederico, mesmo com posição contrária da base do Governo, a aprovação do ATS traz reconhecimento à magistratura, como carreira singular e com distinções de outras parcelas do funcionalismo público. “O importante neste substitutivo é que ele traz justiça à magistratura. É um acréscimo de remuneração para magistrados ativos, inativos e pensionistas. O ATS provoca um incentivo para que o magistrado permaneça na carreira”, completa.

CNJ é favorável – Anteriormente, no mês de abril, a PEC ganhou mais um ponto a favor. Durante a sessão realizada no dia 22, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) elaborou e aprovou de forma unânime uma nota técnica à Proposta de Emenda Constitucional 63/2013, que trata do retorno do ATS – também conhecida como a PEC da Valorização por Tempo de Magistratura (VTM).

A relatoria no CNJ foi do conselheiro Flávio Sirangelo e a sessão foi presidida pelo corregedor nacional, Francisco Falcão. Ao falar durante a sessão, Sirangelo disse em plenário que a valorização da magistratura é de suma importância para o Judiciário. Falcão informou que a nota será entregue ao presidente do Senado, Renan Calheiros.

Conselheiro do CNJ, Flávio Sirangelo, disse que a valorização da magistratura é de extrema importância para o Judiciário



A PEC 63/2013

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, nos termos do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte Emenda ao texto constitucional:

Art. 1º A Constituição Federal passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 39 - § 4º Ressalvado o disposto nos arts. 93, § 1º, e 128, § 7º, o membro de Poder, o detentor de mandato eletivo, os Ministros de Estado e os Secretários Estaduais e Municipais serão remunerados exclusivamente por subsídio fixado em parcela única, vedado, o acréscimo de qualquer gratificação, adicional, abono, prêmio, verba de representação ou outra espécie remuneratória, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 37, X e XI.” (NR)

“Art. 93 - § 1º Os magistrados fazem jus a parcela mensal de valorização por tempo de exercício, não sujeita ao limite previsto no art. 37, XI, calculada na razão de cinco por cento do respectivo subsídio a cada cinco anos de efetivo exercício em atividade jurídica, até o máximo de trinta e cinco por cento.

§ 2º Considera-se atividade jurídica, para fins do § 1º, aquela decorrente do exercício na magistratura, no Ministério Público, em cargos públicos de carreiras jurídicas e na advocacia.” (NR)

“Art. 128 - § 7º Os membros do Ministério Público fazem jus a parcela mensal de valorização por tempo de exercício, não sujeita ao limite previsto no art. 37, XI, calculada na razão de cinco por cento do respectivo subsídio a cada cinco anos de efetivo exercício em atividade jurídica, até o máximo de trinta e cinco por cento. SF/14085.18966-06 - gf2014-01676

§ 8º Considera-se atividade jurídica, para fins do § 7º, aquela decorrente do exercício no Ministério Público, na magistratura, em cargos públicos de carreiras jurídicas e na advocacia.” (NR)

Art. 2º É assegurada a contagem do tempo de exercício anterior à data da publicação desta Emenda Constitucional para fins de cálculo da parcela mensal de valorização por tempo de exercício dos magistrados e membros do Ministério Público.

Art. 3º Aplica-se o disposto nesta Emenda Constitucional aos magistrados e membros do Ministério Público aposentados e aos seus pensionistas abrangidos pelos arts. 6º-A, parágrafo único, e 7º da Emenda Constitucional nº 41, de 19 de dezembro de 2003, e pelos arts. 2º e 3º, parágrafo único, da Emenda Constitucional nº 47, de 5 de julho de 2005.

Art. 4º Esta Emenda Constitucional entra em vigor na data da sua publicação, com efeitos financeiros a partir desta data.

Justiça mais perto do Povo



2ª vice-presidente do TJ-PR, desembargadora Dulce Cecconi, informa que a nova unidade atenderá mais de 200 mil jurisdicionados de cinco bairros da capital

Os desembargadores que atuam no Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Paraná aprovaram na sessão realizada no dia 26 de maio a instalação do fórum descentralizado do bairro Pinheirinho. Presente à reunião do colegiado, a 2ª vice-presidente do TJ, desembargadora Dulce Cecconi, informou aos presentes que a nova unidade atenderá mais de 200 mil jurisdicionados de cinco bairros da capital: Capão Raso, Pinheirinho, Campo do Santana, Tatuquara e Caximba - com prestação gratuita por meio dos Juizados Especiais Cíveis, Criminais e Fazenda Pública, além das varas de Família, Sucessões, Infância e Juventude.

Justiça mais perto do povo - O juiz da 2ª Vara de Execuções Penais, Moacir Antônio Dala Costa, que coordena o projeto "Justiça mais perto do Povo", explica que o novo fórum será de grande utilidade para a população que reside distante do Centro de Curitiba. "Por causa da distância, existe uma litigiosidade contida nessas regiões, porque a pessoa que tem algum problema de consumo, por exemplo, não se desloca até o centro de Curitiba e acaba abrindo mão dos seus direitos. A partir do dia 4 de junho, essas pessoas vão ter acesso à Justiça gratuita bem perto de onde elas residem", ressalta o magistrado.

O fórum descentralizado do Pinheirinho fica localizado na Avenida Winston Churchill, 2471, cerca de 300 metros do Terminal do Pinheirinho, o que facilita o acesso ao local. Além da presença constante de um juiz de Direito, promotor e Defensoria Pública, o espaço vai contar com um módulo da Polícia Militar.



ALEP

Cidadão do Paraná

A Assembleia Legislativa promoveu sessão solene no dia 20 de maio para conceder ao desembargador Telmo Cherem o título de Cidadão Honorário do Paraná. Natural da cidade de Tijucas, Santa Catarina, Telmo Cherem passou a residir em Curitiba no início dos anos 60. Em junho de 1990 foi nomeado como representante do Quinto Constitucional para o cargo de juiz de Alçada. Em 1995 foi promovido a desembargador. Também presidiu o TRE do Paraná, entre fevereiro de 2007 e janeiro de 2008.



"O Estado do Paraná pode se orgulhar por possuir, ao longo de seus quase 123 anos de existência, juízes e desembargadores extremamente operosos"

Miguel Kfoury Neto

Requerimentos I

A AMAPAR entregou no dia 22 de abril um requerimento ao presidente do TJ, desembargador Guilherme Luiz Gomes, para alterar a composição do gabinete funcional do juiz de Direito Substituto que atua na Entrância Final. No documento assinado pelo presidente Frederico Mendes Júnior, a AMAPAR requereu que seja realizada a extinção do cargo de estagiário de pós-graduação existente na estrutura atual de trabalho dos magistrados que atuam na substituição em comarcas de final, com a conseqüente substituição ou convalidação em cargo de assessoria. A AMAPAR também solicita a inclusão do citado grupo na mesma moldura de estrutura de gabinete a ser implementada em favor do Juiz de Direito de Entrância Final Titular, por ocasião da concretização da Lei Estadual 17528/2013.

Requerimentos II

Pedido apresentado pela AMAPAR à presidência do TJ, no dia 30 de abril, para instituir a gratificação do exercício cumulativo de atribuições exercidas pelos magistrados. O presidente Frederico Mendes Júnior argumenta que, com as dificuldades encontradas ao preencher as vagas existentes na carreira da magistratura, ocorre maior exigência dos magistrados, pois ficam incumbidos de exercer suas funções cumulativamente em outras varas, juizados ou câmaras. Ao esclarecer a norma prevista no artigo 39 da Constituição Federal, que dispõe sobre a remuneração em parcela única, a AMAPAR lembra que gratificação com natureza eventual ou temporária, sem incorporação à remuneração, não é incompatível com a sistemática do subsídio adotada. A AMAPAR também cita, como justificativa mais do que plausível, que a resolução nº 13/2006 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) sustenta o pedido da entidade.

Projudi chega a marca de 3 milhões

O Processo Judicial Digital (Projudi) completou em maio sete anos de funcionamento. Instalado no dia 17 de maio de 2007, como projeto piloto na comarca de Campo Largo atendia apenas a competência de Juizado Especial Cível. Sete anos depois o sistema ultrapassa a marca de três milhões de processos eletrônicos cadastrados. Mensalmente são cadastrados aproximadamente cerca de 70 mil processos novos no Estado, um volume expressivo que ressalta a estabilidade do sistema. Importante ressaltar que o DTIC registra picos de acessos simultâneos de 15 mil usuários.

Requerimentos III

Novo requerimento apresentado pela AMAPAR solicita a ampliação do universo de magistrados que possam ser designados para exercer a função de juiz auxiliar direto do Presidente do TJ, dos Vice-Presidentes, do Corregedor-geral e do Corregedor, em matérias administrativas, jurisdicionais e correicionais. Com o objetivo de alterar o parágrafo 1º do artigo 3º do CODJEP, a AMAPAR pleiteia que qualquer magistrado de entrância final, também das comarcas do interior do estado, possa exercer a função de auxiliar dos desembargadores que desempenham os principais cargos de direção no TJ-PR. A AMAPAR sustenta que inúmeras varas de entrância final do Estado possuem carga de trabalho semelhante ou até mesmo superior a de varas da Região Metropolitana de Curitiba. "Sendo inquestionável que seus magistrados titulares e substitutos estão dotados de igual qualificação para o desempenho da função de juiz auxiliar", explica a entidade. No requerimento assinado pelo presidente Frederico Mendes Júnior, também é pontuado que magistrados de entrância final do interior poderiam ser requisitados como auxiliares no STF, STJ e CNJ, sem qualquer impedimento, mas não podem exercer função semelhante no próprio tribunal em que são membros, o que, como aponta o documento, não se mostra razoável.



Homenagens a Paulo Hapner

O desembargador Paulo Roberto Hapner recebeu no dia 22 de abril o abraço e muitas palavras em tom de homenagem por ter participado de sua última sessão como julgador da quinta câmara cível do Tribunal de Justiça do Paraná. Hapner completou 70 anos de idade no dia 10 de maio e deixará, após 46 anos de carreira, a magistratura paranaense. Celebrado como grande amigo, pessoa alegre, de bom trato e excelente julgador, Hapner ouviu emocionado as manifestações de carinho durante o início da sessão que foi interrompida para a justa homenagem. Ao falar em nome da magistratura paranaense, o presidente da Associação dos Magistrados do Paraná (AMAPAR), Frederico Mendes Júnior, lembrou a pessoa fabulosa que “Paulão” - como é conhecido no Judiciário - sempre demonstrou ser. “Pessoa que não tem explicação na ciência. Juiz excepcional, historiador, vencedor em tudo que fez. Campeão de basquete, cantador e amigo. Aonde chega, todos sentam em volta. Foi assim em Cascavel, Foz do Iguaçu e até no Paraguai”, brincou o representante da AMAPAR. Também fizeram uso da palavra desembargadores, filhos, esposa, representantes da OAB e MP.

18 substitutos



O Tribunal de Justiça do Paraná não para de crescer. Considerado de grande porte e também de expressiva produtividade pelo CNJ, o TJ do Paraná empossou no dia 7 de maio 18 novos juízes substitutos aprovados no concorrido concurso iniciado em 2013. A solenidade aconteceu no Plenário do Tribunal de Justiça do Paraná e foi prestigiada por desembargadores, magistrados, advogados, familiares e convidados. Durante a cerimônia, os juízes prestaram o compromisso legal e depois assinaram o termo de posse. O presidente da AMAPAR, juiz Frederico Mendes Júnior, fez a entrega das togas. Um dos novos magistrados, Leonardo Marcelo Mounic Lago, discursou em nome dos colegas. “Nomear novos juízes é um passo importante para o aprimoramento da prestação jurisdicional. Mas não é o único. Há necessidade de que esses juízes tenham o compromisso ético de exercer o cargo em favor da sociedade”, enfatizou.

Auxílio-moradia: Órgão Especial dará a palavra final

Colegiado composto por 25 desembargadores analisará a minuta que regulamentou a concessão do benefício

Após a finalização dos estudos conduzidos por uma comissão formada pelo Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR), responsável pela elaboração de uma minuta de resolução referente ao auxílio-moradia para magistrados, a diretoria da AMAPAR concentrará atenção nas próximas sessões do Órgão Especial da Corte. O egrégio colegiado, formado por 25 desembargadores - entre os mais antigos e eleitos -, dará a palavra final no que tange à efetividade do benefício aguardado pela magistratura paranaense.

Como afirma o presidente da referida comissão, o desembargador Adalberto Xisto Pereira, a minuta de resolução contempla magistrados da ativa (juízes e desembargadores). Quem possuir casa funcional não receberá o auxílio, que também não será pago aos aposentados.

O representante da AMAPAR informa que o auxílio-moradia é pago na maior parte dos estados e tribunais superiores. "Não há nada de novo ou ilegal. A magistratura paranaense já não suporta mais a espera", afirma. O magistrado também sustenta que a administração do Tribunal de Justiça tem que apresentar uma solução para a questão. "O auxílio-moradia é algo para ser comemorado pela magistratura, pois representa a implementação de um benefício previsto na LOMAN desde 1986, não pode ser tornar um problema", ressalta.



Desembargador Adalberto Xisto Pereira presidiu a comissão responsável pelo pagamento do benefício.

Frederico Mendes Júnior afirma que o benefício, aprovado no final do mês de fevereiro pela Assembleia Legislativa, recebeu debates e estudos suficientes - tanto de representantes do Judiciário como também do Legislativo e imprensa. "Não há mais nada para se esperar. A questão já foi debatida no OE, no parlamento, em uma comissão de magistrados formada pelo TJ e, inclusive, pela própria sociedade, diretamente, por meio da imprensa - que levou a assunto a todas as pessoas", disse.



"A demora [na implementação do auxílio-moradia] tem produzido angústia e discussões na magistratura, o que era completamente desnecessário".

O mandatário da associação representativa dos juízes e desembargadores paranaenses espera que a regulamentação e a concessão sejam colocadas em prática o mais rápido possível. "Agora é o momento de regulamentar a questão, informando a todos o formato que terá o benefício. Se havia alguma exposição pública em razão do nome do benefício, esta já ocorreu, e o problema seria revivê-la no futuro. Ainda que não exista disponibilidade de caixa imediato, a magistratura paranaense entende que isso não é impedimento a imediata regulamentação", conclui Frederico.

Apenas os 120 desembargadores participaram das eleições que elegeram Guilherme Luiz Gomes como presidente do TJ paranaense



Eleições diretas ganham

Tribunais de Justiça começam a discutir e inclinar favoravelmente pelo voto de juízes da primeira instância

A campanha das eleições diretas começou a ganhar corpo e análise mais atenciosa por parte dos dirigentes de Tribunais de Justiça espalhados pelo País. Após iniciativa conjunta das associações que representam a magistratura brasileira, realizada no dia 31 de março e que objetivou a apresentação de requerimentos para permitir o voto de juízes do primeiro grau, as cortes começaram a discutir e também inclinar favoravelmente pela abertura democrática.

Três dos presidentes de Tribunais considerados de grande porte – Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro – declararam ser favoráveis à participação dos juízes de primeira instância na escolha dos dirigentes das instituições.

O presidente da corte paranaense, Guilherme Gomes, defende a participação do primeiro grau. “Em respeito à decisão de minha entidade de classe”, frisou, em recente entrevista concedida à Revista Novos Rumos, publicação da AMAPAR.

Em São Paulo a opinião é similar. Ao receber da APAMAGIS um pedido formalizado para que o tema seja discutido no Órgão Especial do Tribunal paulista, o presidente da instituição, José Renato Nalini, disse ser muito simpático à ideia.

No Rio de Janeiro, a presidenta da corte fluminense afirmou que as eleições diretas serão inevitáveis. “Será uma marca

de uma nova fase no Judiciário”, declarou a desembargadora Leila Mariano.

No estado do Piauí, os ventos são ainda mais favoráveis. O Pleno daquele tribunal começou a debater o tema e, mesmo com um pedido de vista, nove desembargadores anteciparam voto pela aprovação das eleições diretas. No total, são 19 desembargadores que atuam no Tribunal de Justiça do Piauí. “Acredito que esse pedido é justo. É um pleito dos nossos juízes que vale a pena ser atendido”, disse a presidente do TJ-PI, desembargadora Eulália Pinheiro. A vitória está próxima.

Associações - A Associação dos Magistrados do Paraná (AMAPAR) também vestiu a camisa da democracia e tem divulgado a campanha pelo direito ao voto dos juízes do 1º Grau. Além de apresentar requerimento ao presidente do Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR), desembargador Guilherme Luiz Gomes, o mandatário da AMAPAR, Frederico Mendes Júnior, também comentou sobre a abertura democrática aos órgãos de imprensa. “Acreditamos que essa ação pode mudar as relações dentro do Judiciário, pois os ventos da democracia chegaram a todas as instituições”, pontuou Frederico. O presidente e demais diretores da AMAPAR, inclusive, têm estabelecido diálogo com parlamentares sobre a proposta.



força

“Acredito que esse pedido é justo. É um pleito dos nossos juízes que vale a pena ser atendido”, disse a presidente do TJ do Piauí, **Eulália Pinheiro**. No Piauí, nove desembargadores anteciparam voto pela abertura democrática.



TJ-PI

“Será uma marca de uma nova fase no Judiciário”, declarou a desembargadora **Leila Mariano**, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, ao receber requerimento da AMAERJ.



TJ-RJ

“A participação do juiz de primeiro grau, que está em contato direto com os advogados e com a população em geral, muito poderia contribuir para a construção de uma justiça mais acessível”, disse o senador **Jayme Campos**, em pronunciamento.



Senado

A Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis) optou por fazer uma eleição paralela e divulgou o resultado da consulta a todos os magistrados, ativos e inativos, que indicaram quais os candidatos deveriam ser escolhidos para os cargos de direção do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Depois de 10 dias de votação ininterrupta, 872 magistrados participaram da consulta, via eletrônica ou por cédula, apresentando os seguintes resultados: para o cargo de presidente do TJ-MG, venceu Doorgal Andrada, com 550 votos.

A Associação dos Magistrados de Goiás lançou no dia 9 de maio, na comarca de Luziânia, no Entorno do Distrito Federal, o Fórum Permanente de Democratização do Poder Judiciário. O movimento tem como objetivo mobilizar a magistratura goiana em torno de um amplo debate sobre o tema da democratização do Judiciário. “Os magistrados de primeiro grau querem ser ouvidos nas questões que envolvem o orçamento do Tribunal; nos projetos enviados à Assembleia Legislativa e que impactam diretamente na carreira do juiz; quer participação ampla em comissões gestoras. Portanto, este movimento defende muito mais que a ampliação do colégio

eleitoral para escolha do presidente e do vice-presidente do Tribunal. Defendemos democracia plena no Poder Judiciário”, explica o presidente da ASMEGO, juiz Gilmar Luiz Coelho.

Senado - O senador Jayme Campos (DEM-MT), em pronunciamento no dia 6 de maio, manifestou apoio à proposta deflagrada pelas associações de magistrados que inclui juízes de primeiro grau nas eleições para a presidência dos Tribunais de Justiça. O parlamentar associou a regra atual, segundo a qual somente desembargadores podem votar e ser votados, à imposição da Lei Orgânica da Magistratura pelo regime militar.

Na avaliação de Jayme Campos, é um equívoco privilegiar o critério de antiguidade na escolha da administração do Judiciário, e não faz sentido considerar que os juízes não tenham o discernimento necessário para escolher os presidentes dos tribunais aos quais estão vinculados. “A participação do juiz de primeiro grau, que está em contato direto com os advogados e com a população em geral, muito poderia contribuir para a construção de uma justiça mais acessível”, afirmou o senador.

“Acreditamos que essa ação pode mudar as relações dentro do Judiciário”, comentou Frederico Mendes Júnior, presidente da AMAPAR, ao falar à imprensa sobre as eleições diretas.



Eleições, Copa do Mundo e fiscalização

Presidente do TRE-PR, Edson Luiz Vidal Pinto, mostra preocupação com toda atenção dada ao futebol frente ao processo eleitoral majoritário de 2014

Ao receber a revista Novos Rumos, logo após uma sessão de julgamentos, o atual presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), desembargador Edson Luiz Vidal Pinto, mostrou preocupação com a consciência do eleitor na hora de clicar na urna eletrônica e confirmar o voto. Para o magistrado, até a Copa do Mundo é gravosa em época pré-eleitoral. “O povo fica anestesiado com a seleção, com as cores verde e amarela quando, na verdade, isso deveria ficar em um plano secundário”, critica o mandatário da corte eleitoral, que passou a ocupar o cargo em fevereiro deste ano.

Com 69 anos, prestes a ter de deixar a toga, pois será atingido no ano de 2015 pela aposentadoria compulsória, o desembargador Edson Vidal traz no currículo mais de 57 anos de dedicação à função pública, sendo mais de 30 como membro do Ministério Público, além de cargos no Poder Executivo. Confira os principais trechos da conversa com o principal condutor das eleições 2014 no Paraná.

Nas próximas eleições tudo ficará concentrado no TRE, diferentemente das eleições municipais. Como será estruturado o trabalho?

Eu queria dizer inicialmente algo que me preocupa, pois temos hoje no Estado novos juízes, por razão de concurso, e que agora vão enfrentar, pela primeira vez, justamente as eleições majoritárias. Estamos elaborando aqui pelo tribunal [TRE] um ciclo de encontros com os juízes do interior. Serão realizados em Londrina, Cascavel e Curitiba. Vamos realizar um ciclo rápido a respeito das resoluções, da forma de procedimentos dos juízes eleitorais, para que eles tomem conhecimento da complexidade

das eleições e simplifiquem, da melhor forma possível. Nessas eleições majoritárias, o juiz de direito não é o principal coordenador. Ele é, sim, o que detém o poder de polícia sobre a atividade eleitoral, mas ele não centraliza as decisões. Todas são feitas pelo Tribunal Regional Eleitoral. O juiz vai ser um executor das determinações, essa é a característica das eleições majoritárias. Quando se trata de eleições domésticas, acontece o inverso. O tribunal fica só no aguardo dos recursos das decisões proferidas pelos juízes eleitorais. Então, essa é uma preocupação que nós temos de dar aos juízes eleitorais novos e mesmo aos mais experientes essas novas resoluções do Tribunal Superior Eleitoral, porque cada eleição o tribunal tem regras próprias. Esses são os encontros que nós vamos realizar.

Como o senhor pretende atuar, ao lado dos demais julgadores, para coibir a corrupção eleitoral?

A Corte Eleitoral Paranaense tem sido um exemplo de austeridade e respeitabilidade, em razão de que todos os presidentes que passaram pelo TRE e os membros que integram a corte são comprometidos exatamente com a seriedade que o ato exige. A eleição é uma festa, deveria ser uma festa cívica, uma festa inigualável para um país. Bom seria se todos nós tivéssemos consciência de quanto vale o nosso voto para podermos dar rumos a este país. Eu tenho enfatizado todas as vezes que tenho sido entrevistado. O que me preocupa muito é uma Copa do Mundo em período eleitoral. Porque o povo fica anestesiado com a seleção, com as cores verde e amarela quando, na verdade, isso deveria ficar em um plano secundário. Competição e esporte não tem nada a ver com pátria. Dizer que o país é a pátria da chuteira é uma bobagem, nós temos de deixar isso de lado. Esporte é esporte, como

modalidade apenas. Ele não pode comprometer o sentido de brasilidade, o sentido cívico que o brasileiro tem que ter quando chega nessa época de eleição. Isso me preocupa tremendamente, mas sempre se tem uma vã esperança que haja um mínimo de lucidez, principalmente nos centros mais evoluídos do país, que a escolha seja bem sopesada. Porque depois, quando dá o arrependimento tardio, para sair na rua batendo panela, tudo isso é bobagem. Essa é a tônica, todos nós temos essa preocupação de despertarmos esse sentido.

Em relatórios de cumprimento de metas divulgados pelo CNJ, as cortes eleitorais sempre apresentam bons resultados. Na visão do senhor, quais são os fatores que determinam a boa imagem e o trabalho efetivo nos TRE's?

Eu queria deixar enfatizado para que não haja dúvidas. A justiça se divide em duas: a Justiça Federal e a Justiça Estadual. Nós não podemos colocar a Justiça Estadual com a sua complexidade, a multiplicidade de competência que têm os juízes, a falta de recursos e meios, com o que vem a ser a Justiça Federal. Evidentemente, nós estamos aqui no TRE, que é uma Justiça Federal. Ela tem uma condição funcional de atendimento, de recursos humanos, que eu diria excepcional, que é um comprometimento de todos os servidores pela sua remuneração, por todo tratamento que recebem, de uma política verticalizada, de cima a baixo, com recursos, atualizações, que não se comparam às dificuldades próprias que enfrentam os presidentes dos tribunais de Justiça Estadual.

Como o senhor analisa a PEC 31, que possibilitaria a participação de juízes federais na condução dos processos eleitorais no país?

Nós temos uma história sedimentada do juiz de direito, do juiz estadual, junto às eleições. Evidente que isso é uma história que nós carregamos, uma bandeira que os juízes têm desenvolvido com desenvoltura, com seriedade. Tanto que a justiça eleitoral tem uma credibilidade em todos os estados da união, não apenas no Paraná, graças ao esforço dos juízes que estão no dia a dia, que tem o contato diário com o jurisdicionado, essa figura do juiz de direito. O juiz federal tem outra competência. A competência da justiça federal é voltada ao seu maior cliente, que é a União. A União que movimenta toda aquela máquina, alguns crimes de repercussão internacional que passam perante a competência da Justiça Eleitoral. Tem relevância? Claro que tem relevância. E digo mais, a minha opinião é que, no Brasil, se nós quiséssemos uma reforma séria toda a justiça deveria ser federalizada, para dividirmos competência entre todos os juízes federais, juízes do trabalho, colocando todos numa mesma trincheira e desenvolvendo o mesmo tipo de atividade. Esse era o ideal, a federalização da justiça como um todo.

E a relação da imprensa com o TRE, como será conduzida?

Nós estamos sempre com as portas abertas em relação à imprensa. Eu, principalmente, tenho muito respeito por ela, porque a imprensa traz a opinião, leva a opinião, forma a opinião. É claro que se nós queremos mudar alguma coisa, temos que escancarar

as portas àqueles que têm interesse em coletar informações e àqueles que possam ser os agentes multiplicadores. A minha voz e de nenhum juiz é suficiente, ao passo que a da imprensa, sim. Ela leva, multiplica e pode atingir esses objetivos. Volto ao futebol: falamos tão pouco das coisas que acontecem no Brasil, hoje, mas estamos falando exageradamente sobre as coisas que acontecem com o futebol. Será que isso é relevante?

A internet tem se tornado um alicerce dos políticos, principalmente com a massificação das redes sociais, onde alguns ataques são exagerados. Como TRE vai lidar com isso?

Nós vamos enfrentar isso pela primeira vez nessas eleições, o que é interessante. Uma coisa é aquele que usa da internet para veicular uma notícia sua, de caráter particular. A outra é ele usar do mesmo veículo para emitir opiniões com segundas intenções políticas. Aí é que vem o papel do julgador. Como é que nós vamos tratar exatamente dessa ferramenta toda, para que não haja burla? Porque o que é fundamental nas eleições é a isonomia entre candidatos, entre partidos. Todos deveriam ter igualdade de tratamento. Tanto da Justiça, quanto dos horários políticos, todos deveriam ter rigorosamente os mesmos períodos. Não é porque eu sou maior que eu tenho direito a falar mais. Isso que é a democracia, igualdade de oportunidades, tem que equilibrar, tem que por na balança. Porque, se não, nós quebramos exatamente esse elo. Se eu sou governo eu tenho mais, se eu não sou eu tenho menos, então como é que fica? É isso que tem que ser sopesado. A Justiça Eleitoral tem que caminhar rigorosamente sobre essa ótica. Buscar a igualdade entre os concorrentes para que o povo tenha a oportunidade de proceder a melhor escolha.

Qual é a opinião do senhor para essa discussão atual, que também envolve o STF, de empresas particulares contribuírem com campanhas eleitorais?

Eu acho o seguinte: nós temos que ter o poder de fiscalização em tudo, essa é a regra. Infelizmente, o ponto é esse. Se a Justiça Eleitoral tiver acesso a todos os dados, não importa se o financiamento seja público, seja privado, mas tem que ter rigorosamente esse acesso. E mais, tem que ter o futuro disso. Porque se eu sou empresa e invisto, eu tenho que ter um *feedback* para saber que tipo de benefício que esta empresa obteve daquela que ela apoiou. Então, isso é o trabalho de fiscalização. A chave do trabalho da Justiça Eleitoral, sob a minha ótica, é a fiscalização. Se nós tivermos o instrumental para fiscalizar, o financiamento pode vir de onde quiser. Só não pode ser caixa dois, ser aquele financiamento escuso, com segundas intenções, tem que haver aquele reflexo posterior. Nós temos que ser realistas em relação a isso. Então, pouco importa de onde vier, mas a justiça tem que ter acesso a todos esses dados e a prestação de contas tem que ser minuciosa e responsável. Às vezes, a questão é que são cifras aparentemente pequenas, mas que são relevantes, porque se está numa contabilidade, ela tem que aparecer. Seja o mínimo, seja o máximo, tem que acontecer. Por que, se não, como é que se presta contas? Ficticiamente não existe prestação de contas. É isso que nós temos que primar, melhorar toda essa estrutura que nós temos para esse tipo de fiscalização.



“Matéria que impõe maior dificuldade são ações de perda de mandato”

Desembargador Jucimar Novochadlo comenta os desafios da atividade correicional durante as eleições

Encarregado de desempenhar o cargo de corregedor do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR) durante as eleições majoritárias de 2014, o desembargador Jucimar Novochadlo prioriza a orientação aos juízes para conduzir o trabalho correicional.

Para o magistrado, que também atua como vice-presidente da corte eleitoral, as ações que acarretam mais dificuldades e responsabilidades são as de perda de mandato, seja por inelegibilidade e infidelidade partidária. “A apreciação destas demandas ultrapassa a simples aplicação de sanções, mas alcança a vontade popular”, classifica. Confira as impressões do desembargador Novochadlo.

Caro desembargador Jucimar Novochadlo, para o senhor, agora no papel correicional junto ao TRE-PR, quais são os grandes desafios para as eleições de 2014?

O grande desafio da atividade correicional é a orientação maciça dos juízes e servidores da Justiça Eleitoral quanto aos procedimentos relativos ao próximo pleito, cujos trabalhos de Correição se estenderão até o mês de junho, momento pelo qual a Corregedoria estará dedicada exclusivamente às eleições. Neste período, de acordo com a Lei Complementar 64/1990, será da competência do Corregedor Eleitoral a condução das ações de investigação judicial eleitoral que visam à apuração do abuso do poder político, econômico e dos meios de comunicação social.

Quais são os assuntos mais espinhosos e também com maior

demanda que a corte tem enfrentado?

Tanto no período eleitoral quanto não eleitoral a demanda do Tribunal é muito grande, uma vez que as matérias que são submetidas à Corte são sazonalizadas. Atualmente, prevalecem os feitos relacionados às ações para decretação da perda do mandato por infidelidade partidária, as ações relativas à propaganda partidária gratuita e os recursos oriundos às prestações de contas relativas a 2012. Nos feitos julgados pela Corte, a matéria que impõe maior dificuldade são ações de perda de mandato, seja por inelegibilidade, seja por infidelidade partidária, haja vista que a apreciação destas demandas ultrapassa a simples aplicação de sanções, mas alcança a vontade popular. Isto porque, a Corte fica com a responsabilidade de apreciar a legitimidade do mandato de um representante escolhido e aprovado pelos cidadãos, cuja elegibilidade se encontra em cheque.

Hoje, em posição de destaque frente às cortes eleitoral e estadual, como o senhor analisa a importância de o juiz estadual conduzir os processos

eleitorais no Brasil?

A Justiça Estadual é um órgão do Poder Judiciário, cuja capilaridade garante sua presença em todos os municípios. Um magistrado estadual tem a trajetória de sua carreira pautada no atendimento direto à população de todos os municípios, seja pequeno, médio ou grande, e o contato com os jurisdicionados de todas as classes sociais possibilita identificar melhor o que os eleitores esperam da Justiça Eleitoral.

“Magistrado estadual tem a trajetória de sua carreira pautada no atendimento direto à população de todos os municípios, seja pequeno, médio ou grande”



**Mais Que Tranquilidade.
Mais Que Segurança.
Mais Que Seguro.**

Condições exclusivas nas mais de dez opções oferecidas,
que vão desde seu veículo e/ou residência, até seguro de vida.

Solicite agora mesmo um orçamento e veja como é fácil e
rápido ter a proteção ideal que você e sua família precisam.



Mais Que Seguro Corretora e Administradora de Seguros Ltda.

www.MaisQueSeguro.com.br

seguro@maisqueseguro.com.br

41 30168811



TSE

Desafios no Eleitoral

Juíza Renata Estorilho Baganha acredita que a propaganda dos candidatos é um dos pontos mais espinhosos nas eleições

Creditada como modelo de celeridade e eficiência, a Justiça Eleitoral no Brasil também serve de inspiração - em seu sistema e condução - para outros países. Um dos principais atributos de qualidade dos Tribunais Eleitorais está na participação dos juízes estaduais, que atuam no contato direto com jurisdicionados.

Opinião confirmada pela juíza de Direito Renata Estorilho Baganha que tem prestado relevantes serviços ao Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR). Ao tecer algumas considerações sobre a experiência na condução eleitoral, a magistrada também comentou os principais compromissos na consecução do trabalho e alguns assuntos espinhosos enfrentados junto ao TRE.

Com atuação junto à corte eleitoral desde o mês de junho de 2013, Renata Baganha, exerce cargo de maneira efetiva em substituição ao colega de toga, o juiz Luciano Carrasco Falavinha. Para ela, um dos grandes desafios ao conduzir os trabalhos em ano eleitoral está no período reservado à propaganda dos candidatos. Assunto complexo, ela trata como tema crítico do processo que rege as eleições majoritárias. "O desafio maior está em manter o equilíbrio da disputa num meio de propaganda eleitoral cada vez mais sofisticado tanto do aspecto criatividade e tecnologia, quanto aos limites que desbordam o tratamento humano digno e avançam para a conduta criminosa ou fraudulenta", afirma. Para a magistrada, cabe à Justiça Eleitoral resguardar os eleitores de estados mentais manipulados sem com isso interferir na liberdade de expressão e no direito a manifestação pessoal.

Na internet, mesmo com o advento e evolução das redes sociais, Renata não vê maiores dificuldades no que tange à fiscalização. Com apoio do Ministério Público, ela acredita que o

controle frente aos blogs, Facebook e demais mídias não acarretará em grandes problemas. "Há controle natural entre essas forças e ainda há o Ministério Público. Não vejo que tenha havido, até agora, dificuldades neste sentido, nas cortes eleitorais. As cortes têm sido firmes e eficazes nestes controles, com identificação dos envolvidos", explica.

Juízes estaduais – Ao falar da participação de juízes estaduais como agentes condutores e responsáveis diretos pela segurança das eleições, Renata Baganha afirma que a Justiça estadual tem a capacidade suficiente de chegar aos mais distantes lugares, além de proporcionar as garantias necessárias aos eleitores. "Somos mais de 17 mil juízes estaduais em todo o País. Isso é a verdadeira aplicação do acesso à Justiça. Foi sob o comando das justiças estaduais que foram implementados os votos através da urna eletrônica e gradativamente se obtém a segurança de biometria para as zonas eleitorais no País", afirma a magistrada.

Quanto à Proposta de Emenda Constitucional 31/2013, que visa a participação de juízes federais nos processos eleitorais, Renata Baganha explica que tal emenda seria uma ofensa ao pacto federativo. "Se houver uma federalização da justiça estadual, essencialmente o que se terá é uma concentração de poderes à União, gerando verdadeiro desequilíbrio com relação aos Estados, Municípios e Distrito Federal. Esse é para mim o mais grave erro desta proposta de emenda constitucional, que não se apresenta em nada justificável. Nem com relação ao acesso a justiça, ausência de motivação de necessidade de modificação da administração da justiça eleitoral, concentração de poder, tudo a meu ver em prejuízo à preservação do estado democrático de direito", critica.

"Foi sob o comando das justiças estaduais que foram implementados os votos na urna eletrônica e gradativamente se obtém a segurança de biometria para as zonas eleitorais no país", lembra Renata

"São os juízes estaduais que vivenciam o cotidiano das eleições no país"

Juiz do Eleitoral, Kennedy Greca de Mattos fala da experiência em atuar nas eleições 2014



Para Kennedy Greca de Mattos, juiz que passou a atuar no Tribunal Regional Eleitoral após ser eleito membro efetivo da corte em maio de 2013, o magistrado estadual, por estar próximo à população, torna-se importante instrumento para assegurar a normalidade das eleições e o pleno exercício da democracia. "O direito ao sufrágio deve ser garantido durante todo o processo que antecede o pleito eleitoral, antes mesmo do registro das candidaturas, quando a força política de alguns pode manipular a vontade do eleitor e inibir a livre manifestação democrática", acredita.

No que tange às questões mais trabalhosas, Kennedy pontua que a cassação de mandatos demanda grande cuidado por parte da Justiça Eleitoral. Confirma as impressões do magistrado.

Hoje, quais os grandes desafios e assuntos mais controversos que o senhor tem percebido na esfera eleitoral?

Sem dúvida, as ações que implicam na cassação de mandato são aquelas que mais demandam cuidado na Justiça Eleitoral. Isso porque, o resultado numérico alcançado nas urnas deixará de ser considerado por ordem de decisão judicial que reconheceu que o processo eleitoral foi viciado. Quando uma decisão como essa é proferida abala-se não só toda a estrutura política da região afetada, mas também a ordem social e econômica. Não podemos ignorar que muitas pessoas perdem os seus empregos em razão da troca de comando do Poder Executivo ou perda do mandato parlamentar determinada por ordem da Justiça. Em um primeiro momento, a população pode até achar que a Justiça Eleitoral ignorou e substituiu a vontade do eleitor, no entanto, em verdade, o que se pretende é garantir a normalidade e legitimidade do processo eleitoral em proteção ao próprio

princípio democrático.

Com a internet temos percebido a utilização desenfreada de redes sociais para divulgação e também ataques na esfera eleitoral. Como administrar e coibir tais abusos?

A internet tornou-se um importante instrumento para a ampliação dos debates eleitorais e transparência da gestão pública. Ao lado desse sucesso na sua forma de utilização também são encontrados abusos, principalmente relacionados com propaganda antecipada e ataque à honra dos políticos e candidatos. É lamentável que tudo isso ocorra, mas o direito eleitoral possui bons instrumentos repressivos e inibidores, como as ações cautelares e a possibilidade de imposição de multa. O que não se pode admitir é a censura prévia do conteúdo.

Qual a opinião do senhor sobre a PEC que pretende abrir a participação de juízes federais nos pleitos?

Sou contra a PEC 31/2013 na parte que trata do aumento da participação dos juízes federais nas cortes eleitorais. São os juízes estaduais que vivenciam o cotidiano das eleições no país, com um contato direto com a população e com o processo judicial eleitoral. Não podemos ignorar que a experiência prática vivenciada pelos juízes estaduais em matéria eleitoral não encontra equivalência diante dos juízes federais, que não possuem essa competência originária em sede de primeiro grau de jurisdição. Além do mais, entendo que a idéia de entregar a função de corregedor a um juiz federal abala o pacto federativo, visto que o juiz estadual que estará exercendo as funções eleitorais será submetido à correição exercida por um magistrado estranho ao seu quadro funcional.

PEC 31 distancia juízes e eleitores

AMAPAR critica proposta que fragmenta os bons serviços prestados pela justiça eleitoral

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 31/2013, que tramita no Senado Federal, tem sido combatida diuturnamente pelas associações que representam a magistratura no país. A PEC, em tese, fragmenta e enfraquece a Justiça Eleitoral, reconhecida por prestar serviços de excelência aos eleitores, principalmente por contar com a dedicação da magistratura estadual. Quem opina sobre o assunto é o presidente da Associação dos Magistrados do Paraná (AMAPAR), Frederico Mendes Júnior, que vê como tradição republicana a condução das eleições sob a coordenação da Justiça dos Estados. “E mais, como bem destacou o Senador Álvaro Dias (PSDB-PR), em conversa recente sobre o assunto, trata-se de ramo da Justiça com funcionamento exemplar, que tem servido de modelo para outros países, não fazendo sentido a modificação”, completa.

A magistratura estadual, ao criticar a PEC, pontua que o texto que pretende emendar a Carta Constitucional favorece somente a Justiça Federal - distante da vida política das pequenas e médias localidades. Ao contrário dos juízes estaduais, que vivem e conhecem o cotidiano das muitas regiões não atendidas por magistrados federais nas quase três mil comarcas existentes no País. “Os juízes federais não querem apenas mais trabalho, querem também poder. Mas esta transferência de poder implica em diminuição de prestígio, de força, da Justiça dos Estados – e é por isso que nós nunca iremos abrir mão desta competência”, critica o dirigente da AMAPAR.

“Lutaremos com todas as nossas forças para que a interpretação que se dá à Constituição seja mantida”, explica Frederico Mendes Júnior

AMAPAR à frente da discussão - Toda tramitação e combate à famigerada PEC 31 têm sido acompanhados com atenção pela parcela estadual da magistratura, onde a AMAPAR, desde o ano passado, tem se colocado na zona de frente. Ainda como vice-presidente da entidade, em 2013, Frederico participou de diversas reuniões com parlamentares - em Curitiba e Brasília - para discutir o assunto que tem gerado grande preocupação. Nas próximas semanas, ao lado de membros da diretoria, o dirigente da AMAPAR estará novamente na capital federal para mais um corpo a corpo político, com o intuito de falar dos malefícios sociais da Proposta.

PEC inconveniente - O desembargador Rogério Coelho, que passou pela direção do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), entre 2012 e 2013, afirma que a PEC foi motivo de críticas de presidentes das cortes eleitorais. “Na ocasião em que se discutia a PEC 31/2013, houve um consenso entre todos os Presidentes dos Tribunais Regionais Eleitorais de que a proposta era absolutamente inadequada, inconstitucional, inconveniente, até mesmo por não atender os princípios republicanos”, aponta.

Para lembrar - No ano de 2013, em campanha realizada pela internet, a AMAPAR demonstrou sua força política e também começou a incrementar seu espírito sindical, ao disparar mais de 21 mil e-mails para senadores. Mensagens contra a PEC 31 chegaram à caixa de e-mail dos 81 senadores, que, inclusive, elogiaram a iniciativa da magistratura paranaense.





Experiência adquirida

Desembargador Rogério Coelho comenta sua passagem pelo Eleitoral

Com a experiência acumulada de ter atuado como corregedor e presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná – nos anos de 2012 e 2013 – o desembargador Rogério Coelho acredita que uma de suas principais contribuições na corte eleitoral esteve na modernização de serviços internos, como a otimização do sistema que permite o acompanhamento imediato dos julgamentos. “Penso ter cumprido a promessa de modernizar as instalações dos serviços internos, dentro do possível na previsão orçamentária, visando propiciar aos servidores e aos juízes eleitorais do Estado melhores condições técnicas e materiais para o exercício da sua função”, destaca o magistrado. Confira as impressões do desembargador sobre a experiência adquirida ao trabalhar com candidatos e eleitores.

Caro desembargador Rogério Coelho, em linhas gerais, como magistrado, quais foram as principais experiências que o senhor adquiriu ao comandar o Tribunal Regional Eleitoral?

Presidir uma Corte como o TRE-PR me permitiu consolidar o entendimento de que hoje se exige do administrador total dedicação porque, além das inúmeras questões envolvidas, é necessário se ter sensibilidade para tratar, e resolver, todas as questões que se apresentam, desde os pequenos transtornos do dia a dia, até as mais intrincadas situações orçamentárias como, por exemplo, o planejamento estratégico, inclusive os trabalhos iniciais preparatórios necessários para a realização das “próximas eleições” que, em razão da rotatividade anual, sempre são presididas por outro Presidente.

Penso ter cumprido a promessa de modernizar as instalações dos serviços internos, dentro do possível na previsão orçamentária, visando propiciar aos servidores e aos Juízes Eleitorais do Estado melhores condições técnicas e materiais para o exercício da sua função. Neste aspecto, devo destacar, houve a implantação do IPleno, sistema que permite o acompanhamento imediato dos julgamentos, assim como das medidas necessárias para que se concretizasse a audiência digital (gravação da audiência e depoimentos em CD-Rom) que, a meu ver, possibilitou fossem acelerados os julgamentos (a rapidez é essencial na Justiça Eleitoral), além de ser um grande passo para a irreversível implantação do PJe no âmbito das Cortes Eleitorais. Gostaria de lembrar que, no final do mês de dezembro, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) divulgou relatório do diagnóstico de gestão

estratégica 2013 onde apresenta o nível de maturidade dos órgãos do Poder Judiciário (Tribunais e Conselhos) em relação à formulação, implementação, comunicação e monitoramento da estratégia nacional para modernização da justiça. Nesta percutiente análise, o TRE-PR foi colocado em 9º lugar entre os 20 órgãos (tribunais e conselhos) mas, devo destacar, considerando-se unicamente, os Tribunais Regionais Eleitorais, o TRE/PR obteve a primeira colocação.

No trato de questões eleitorais, quais são os temas mais espinhosos e de maior demanda?

Participei, como Corregedor Regional Eleitoral, das eleições municipais de 2012; as eleições municipais, de regra, são as mais complexas, disputadas e trabalhosas (tivemos cerca de 1.100 candidatos a prefeito e 25 mil a vereador), porque envolvem os vizinhos, cujas paixões se exacerbam, porquanto é a vida dele em jogo. As questões envolvem a cidade onde mora, ele sabe da rua que não está asfaltada, da escola, das condições de saúde. Aliás, são inúmeros os casos de brigas por conta de um vereador. Os temas mais espinhosos e de maior demanda são os que envolvem a propaganda e, com a proximidade do dia das eleições e da divulgação dos vencedores, as ações envolvendo atos de improbidade e questionamentos visando a cassação do mandato. Na realidade, o envolvimento do cidadão é mais efetivo e isto reflete no crescimento das demanda que têm uma relação direta com a vontade do eleitor brasileiro de participar. Isto é bom porque melhora a qualidade da cidadania.

O melhor entre os grandes

Paraná atingiu **111,92%**

Rio de Janeiro atingiu 97,31%

Minas Gerais atingiu 85 %

Rio Grande Do Sul atingiu 84,9%

São Paulo atingiu 73,6%



Produtividade de grande porte

Juízes do Paraná cumprem NOVAMENTE, com sobras, a meta de julgar mais processos do que recebem

Novo ranking divulgado no site do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) – www.cnj.jus.br –, no dia 15 de abril, aponta que os juízes do Paraná cumpriram novamente com sobras a meta 1 do CNJ de 2013, que determinava julgar mais processos que a quantidade de ações apresentadas à Justiça no ano passado.

Os magistrados que atuam no estado julgaram no ano passado 892.373 processos e receberam 797.325 – números que representam o cumprimento da meta em 111,92%.

O Paraná ficou com o segundo lugar no ranking, apenas atrás do estado do Sergipe. Ao fazer comparação com outros tribunais de grande porte, o TJ-PR é o primeiro colocado, tendo o Rio de Janeiro, que cumpriu 97,31% da meta 1, na segunda posição, mas sem atingir a totalidade da meta estipulada pelo Conselho.

Para o presidente da Associação dos Magistrados do Paraná (AMAPAR), Frederico Mendes Júnior, os dados refletem a dedicação e compromisso da magistratura paranaense com os jurisdicionados. “Nossos magistrados trabalham todos os dias até o período da noite, finais de semana, para que um número maior de casos possam ser resolvidos com Justiça e em tempo razoável, como determina a Constituição Federal”, afirma.

O representante da AMAPAR também aponta que os dados de 2013 refletem a realidade do Poder Judiciário no Paraná – não o resultado divulgado recentemente. Para ele, além do trabalho efetivo realizado pelos colegas paranaenses, merecem destaque as recentes administrações do TJ paranaense, com investimentos no 1º grau de jurisdição, que traduzem o resultado expressivo atingido pelo Paraná. Para exemplificar, o magistrado lembra dos investimentos feitos no biênio 2011/2012, durante a gestão do desembargador Kfoury no TJ. “Foram criados mais de 180 cargos de juiz, contratados mais de 2500 servidores e também a criação de mais de 1500 cargos de assessoria para juízes. O juiz

paranaense se sentiu valorizado. No entanto, a administração não pode se acomodar, tem que continuar investindo, ao melhorar ainda mais a estrutura de trabalho e tratar o magistrado com a atenção e respeito que merece”, afirma.

CNJ – Notícia do CNJ aponta que apesar de os juízes produzirem anualmente cada vez mais decisões, o crescente volume de processos novos que chegam todos os anos aos tribunais ainda impede a redução do acervo de ações judiciais. Levantamento do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aponta que, embora os juízes tenham dado decisão sobre 17,8 milhões de ações ao longo de 2013, a quantidade de processos que passaram a tramitar no ano passado foi ainda maior, aproximadamente 19,4 milhões.

Aumento de produtividade – Assim como ocorreu em 2013, nos anos de 2011 e 2012 o Paraná também superou o número de julgados *versus* processos distribuídos. Em 2011, ao cumprir 107% da meta que recomendava julgar mais do que a distribuição.

Gazeta destacou, em partes - Em matéria publicada no dia 28 de abril, pelo jornalão Gazeta do Povo, o Paraná recebeu certo destaque com o alto rendimento obtido ao cumprir – e ultrapassar – a meta da produtividade dos tribunais. Com o título **Produtividade do TJ-PR melhora, mas há desequilíbrio entre 1.º e 2.º graus**, o periódico evidenciou um descompasso entre a primeira e segunda instâncias, além do desempenho de servidores, aliado a um segundo índice que traz a produtividade de magistrados – ranking mais antigo que o divulgado referente à meta 1 do CNJ, onde o Paraná despontou. Em nota anterior à matéria, divulgada no site da instituição, o TJ-PR informou que existem equívocos referentes aos números do 2º Grau – informação que a Gazeta do Povo não mencionou, apesar de ter conhecimento.

Os números não mentem

- Entre os grandes, o Paraná teve o melhor desempenho
- Paraná ficou em segundo lugar geral
- Juízes do Paraná cumpriram a meta 1 em 111,92%
- Média da Justiça estadual no Brasil foi de 87,64%
- Paraná julgou 892.373 processos em 2013 e recebeu 797.325
- Juízes do Paraná julgam acima do que recebem
- Os números refletem a realidade do Poder Judiciário do Paraná
- Os jornais não noticiam isso, porque será?

“Nosso Tribunal merece melhor avaliação”



Corregedor-geral de Justiça, Lauro Augusto Fabrício de Melo fala de metas, estrutura, CNJ, correições, varas trabalhosas e demais assuntos que envolvem o Judiciário do Paraná. Confira a entrevista exclusiva, dedicada à Novos Rumos

Caro desembargador Lauro, apesar de os juízes produzirem cada vez mais decisões, o crescente volume de processos novos atrapalha a redução do acervo das ações no Judiciário brasileiro. O ranking da meta 1 do CNJ, referente ao ano de 2013, mostra que o Paraná teve bom desempenho, ficando em segundo lugar geral e em primeiro, se analisarmos os tribunais considerados de grande porte. Como o senhor, no papel de corregedor-geral, tem avaliado essa questão que afeta a meta 1 do CNJ, onde o magistrado tem o compromisso de julgar mais processos que a quantidade de ações que ingressam no Judiciário?

Este talvez seja o maior desafio do Poder Judiciário. O crescente aumento do número de ações implica no reconhecimento de que a sociedade acredita na Instituição, e acarreta na exigência desta mesma sociedade de que os feitos sejam resolvidos em prazo razoável. O cumprimento das Metas não é apenas uma exigência administrativa, mas sim, deve ser visto como um ideal a ser buscado no aspecto da efetiva funcionalidade do Poder, de resposta ao que se espera dele pela sociedade. É lógico que isto implica em vencer dificuldades, como a questão orçamentária, que impõe um limite nos investimentos necessários. E a questão do aumento do número de processos não se resolve apenas com o aumento do número de juízes, mas com o necessário reconhecimento de que o investimento em educação e cultura é indispensável, acima de qualquer outro fator, para resultar na melhoria geral do que se espera de uma sociedade mais justa e de uma estrutura estatal mais eficiente. O índice de 111,92% alcançado pelos magistrados do Paraná reflete o esforço destes e da estrutura fornecida, nos limites do orçamento, que deve ser reconhecido publicamente.

Em 2014, o CNJ completa 10 anos de atividade. Qual a opinião do senhor sobre a atividade desempenhada pelo órgão? Na visão do senhor, qual a principal colaboração do CNJ para o fortalecimento do Judiciário? Em qual fator o senhor considera que o Órgão peca?

Não há que se negar a valorosa contribuição do Conselho Nacional de Justiça, nestes 10 anos de atuação. Como toda instituição, o CNJ vem evoluindo em seus conceitos, concentrando esforços nos trabalhos de auxílio à organização interna administrativa dos Tribunais. Assim o fez, como exemplo, nas questões envolvendo os precatórios requisitórios, orientando os Tribunais nas questões referentes ao procedimento e cálculos indenizatórios, e estruturação do setor. Desde o início de seu funcionamento, apreciou questões sensíveis, podendo se destacar o veto ao nepotismo, a estipulação de metas e a política de virtualização de processos, procurando a modernização do Judiciário, a fim de que seus julgamentos observem a regra constitucional de duração razoável dos processos. Como qualquer outra instituição pública, o CNJ não possui estrutura adequada para seu regular funcionamento, sendo esta, a meu ver, sua principal deficiência.

Em visita realizada no ano passado, membros do CNJ atribuíram a nota 5 ao TJ-PR. Como o senhor recebeu tal avaliação?

O nosso Tribunal merece melhor avaliação, se analisarmos os esforços que foram feitos nas últimas gestões. Houve grande investimento na contratação de funcionários e na criação de novas varas e comarcas, resultando em aproximados cento e cinquenta novos cargos de magistrados, implicando na realização de seguidos concursos para a magistratura. No aspecto estrutural, privilegiou-se o investimento tecnológico, com o Processo Eletrônico desta Corte sendo reconhecido como eficiente e avançado, inclusive pelos demais Tribunais. A nota atribuída, portanto, a meu ver, não considerou tais fatores, o que motivou, naquela oportunidade, quando entrevistado a respeito, esclarecer, que na minha avaliação, o nosso Tribunal merecia nota melhor. Aliás, posteriormente, o Relatório Justiça em Números de 2013 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) fez as seguintes ponderações: “o Caso do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná (TJ-PR) merece destaque, pois aponta

para um crescimento em todos os indicadores de estrutura, força de trabalho e litigiosidade. Mediante essas alterações, passou a constituir o grupo dos tribunais de grande porte ao mesmo tempo em que viu sua eficiência ser elevada até alcançar a fronteira da eficiência”.

Como o senhor avalia os rankings anuais apresentados pelo CNJ, onde são divulgados os tribunais com maior e menor produtividade? Na visão do senhor, qual a utilidade dos rankings?

Os rankings anuais apresentados pelo CNJ devem ser vistos pelo aspecto global, de organização estratégica e profissionalização do Poder Judiciário, no que se refere à forma e meios para responder à necessidade da exigência da prestação jurisdicional que a sociedade pretende. Não se analisam os dados isoladamente, apenas comparando os resultados entre os Tribunais, mas sim, verificando, a partir dos dados fornecidos, que setores necessitam investimentos e adequações, com contratação de funcionários, ampliação do número de unidades judiciais, melhor adequação tecnológica, enfim, utilizar-se dos resultados colhidos e divulgados para verificação de eventuais carências ou mesmo acertos no funcionamento geral do Poder.

E as correções, como é o procedimento adotado?

Durante o dia de correção, é feita verificação, por amostragem, nos processos em andamento, com a colaboração dos juízes auxiliares, no que se refere a atuação do magistrado, e pelos assessores correicionais, em relação aos trabalhos da serventia. Nesta verificação, observa-se quanto à necessidade de orientação ao magistrado, de forma específica, o que pode ser feito na mesma oportunidade, ou ainda posteriormente, com remessa de Relatórios, pessoal e das secretarias, fixando-se prazo ao magistrado para ciência e manifestação.

Hoje, dentro das peculiaridades do Poder Judiciário do Paraná e, também, colaborando com a experiência do senhor ao percorrer o estado na atividade correicional, quais são as comarcas e varas mais trabalhosas?

As comarcas mais trabalhosas, normalmente, são aquelas que correspondem a entrância final, como Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel, entre outras, não podendo, entretanto, deixar de reconhecer que, mesmo entre aquelas menores, de entrância inicial, exigem muito do magistrado, até porque nestas, ele é o único juiz do local, respondendo por todas as áreas: cível, criminal, família, infância e justiça eleitoral. Algumas comarcas, em especial em relação à 1ª vara cível, apresentam número elevado de processos, com o Tribunal de Justiça e esta Corregedoria estando atentos, e, dentro das possibilidades estruturais, busca-se soluções para que a demanda processual seja atendida.

Quais fatores, na opinião do senhor, corroboram para a célere ascensão na carreira de magistrados nos últimos anos? O senhor considera positiva essa rápida movimentação?

A celeridade na carreira é resultado justamente do esforço na criação de varas e comarcas, atendendo a necessidade das populações destes locais. Assim, por existirem novas e numerosas vagas a serem preenchidas, e porque os concursos para novos

magistrados ainda não suprimiram totalmente tal necessidade, acarretou na possibilidade dos magistrados requererem promoção, para o qual não existe limitação de permanência na comarca, como se exige apenas para a remoção. Assim, por esta situação, com novas vagas, propiciou-se rápida ascensão aos magistrados com interesse em promoção.

Como o TJ tem tomado atitudes para sanar o problema de varas sem juízes? O senhor, no papel que exerce, de avaliar as condições para as promoções e remoções dos juízes, como analisa tal questão?

O Tribunal de Justiça vem realizando seguidamente concursos para os quadros da magistratura, merecendo destaque e elogios, visto que todos estes passaram incólumes. Dezoito novos juízes substitutos, aprovados no último concurso foram empossados. Então, está havendo esforço para suprir a falta de juízes, que foi gerada, justamente, pelo empenho das recentes administrações desta Corte em criar novas varas e comarcas, o que ocasionou esta situação. Deve ser ressaltado, porém, que nenhuma vara ficou sem magistrado, porquanto, nestas situações, a substituição se dá de forma automática pelo juiz substituto da seção judiciária, e, na ausência deste, pela designação de outro juiz titular, até que se preencha a titularidade da vara.

No que tange ao trabalho dos servidores do Tribunal de Justiça do Paraná, como a corregedoria-geral tem analisado a necessidade de mais auxiliares para os juízes? Onde a situação com a falta de servidores é mais gravosa?

Neste campo, não podemos perder de vista o avanço da virtualização dos processos, que agora está alcançando, inclusive, a esfera criminal, completando o ciclo de inclusão, no Projudi, das áreas de atuação do Poder Judiciário. O processo eletrônico importará em menor estrutura administrativa de cartório, estando em estudos qual seria, efetivamente, o número de funcionários necessários para a efetividade dos trabalhos. Atualmente, ainda existe em andamento enorme número de feitos que tramitam pelo meio físico, o que implica, em algumas áreas, de mais funcionários para dar adequada vazão ao cumprimento das decisões dos magistrados. A estrutura de gabinete do magistrado deverá ser adequada ao processo eletrônico, que exige maior investimento, justamente, na equipe que auxilia o julgador. A falta de servidor muitas vezes é ocasionada por afastamento de funcionários, ante aposentadoria, problemas de saúde, e geram a dificuldade de reposição, seja pela necessidade de concurso público para contratação, ou ainda, pela impossibilidade momentânea de substituição, em razão do afastamento não ser definitivo.

E o desempenho e qualificação dos servidores que têm ingressado no Judiciário, o senhor considera satisfatório?

Os novos funcionários estão sujeitos a um período de estágio probatório, em que seus superiores analisam e informam, por relatórios, quanto à sua atuação, para que ocorra a efetivação no serviço público. Os números apresentados na avaliação do nosso Tribunal permitem apontar que a participação dos novos servidores é efetiva no bom desempenho da Corte, no que se refere ao percentual de processos julgados.

Adesão à AMAPAR

Juízes novos optam pelo associativismo



Ao representar a Associação dos Magistrados do Paraná (AMAPAR) e discursar durante a posse de 16 juízes substitutos, em solenidade realizada no dia 10 de março, no auditório do TJ-PR, a vice-presidente da entidade, Nilce Regina Lima, destacou que a AMAPAR tem compromisso incondicional nas vidas pessoais e profissionais dos magistrados, além de agradecer a maciça filiação dos novos colegas ao quadro de associados. “É de uma magistratura unida e irmanada que depende o fortalecimento da instituição e a independência do Poder Judiciário”, falou Nilce, sobre os princípios do associativismo que regem a conduta da AMAPAR.

Vale destacar que quase todos os 62 magistrados já empossados em 2014 - que venceram o certame do TJ realizado ano passado - optaram por ingressar na AMAPAR.

Além de destacar a importância da AMAPAR como representante máxima da magistratura estadual, Nilce também falou de algumas nuances do nobre ofício e o compromisso de ser juiz. “O juiz não deve ser um reproduzidor de julgamentos proferidos anteriormente. É preciso que ele tenha conhecimento suficiente para criticar a interpretação dada anteriormente e avaliar se aquela é a melhor interpretação a ser conferida ao caso concreto”, recomendou, inspirada por trechos de texto extraído do Blog Rehab Jurídico, escrito pela Juíza Federal Carolina Souza Malta, que atua em Recife.

Em nome dos colegas empossados, discursou a juíza Adrianna Correa dos Santos, que falou da valorização profissional. “O que se espera de nós é que tudo isso possa ser diariamente lembrado; não por um sentimento de vaidade, mas sim com a finalidade de que saibamos valorizar a profissão que escolhemos e para a qual tanto nos dedicamos”, frisou.

Participaram da solenidade o presidente do TJ, Guilherme Luiz Gomes, o corregedor-geral, Lauro Augusto Fabrício de Melo, o 1º vice-presidente, Paulo Roberto Vasconcelos, demais

representantes do TJ, da OAB e MP, além de familiares e amigos dos empossados.

Os empossados - Adrianna Correa dos Santos (Jaguariaíva); Ana Claudia de Lima Cruvinel (Porecatu); Brian Frank (Pitanga); Bruno Oliveira Dias (Medianeira); Eduardo Bonnassis Burg (Rio Branco do Sul); Eduardo Ressetti Pinheiro Marques Vianna (Santo Antônio da Platina); Gabriel Leão de Oliveira (Medianeira); Juliana Cunha de Oliveira (Jacarezinho); Leonardo Luiz Selbach (Telêmaco Borba); Luiz Fernando Montini (Marechal Cândido Rondon); Maristela Aparecida Siqueira (Cruzeiro do Oeste); Renato Cigerza (Wenceslau Braz); Rodrigo Dufau e Silva (Peabiru); Sandra Lustosa Franco (de Telêmaco Borba); Tatiana Monteiro Furtado de Mendonça (Astorga) e Juliano Batista dos Santos (Cornélio Procopio). No mês passado foram empossados 31 juízes aprovados no mesmo concurso (2013).



“É de uma magistratura unida e irmanada que depende o fortalecimento da instituição”, comenta a vice-presidente da AMAPAR, Nilce Regina Lima



COBRIMOS QUALQUER OFERTA DA CONCORRÊNCIA!

TRAGA SUA PROPOSTA E DESAFIE A EQUIPE
QUE MAIS CRESCE EM VENDAS EM CURITIBA.



(41) 3330-2800
Teffé esquina com Hugo Simas

(41) 3330-1800
Linha Verde no trevo da PUC



Conselho Fiscal aprova contas

Diretores estudam meios para conter gastos excessivos com as subsedes

Reunidos na Casa do Magistrado do Pilarzinho, em Curitiba, no dia 28 de maio, os magistrados que atuam no Conselho Fiscal da Associação dos Magistrados do Paraná aprovaram as contas do primeiro trimestre e debateram alternativas para controlar as receitas e despesas da entidade. Ao abrir a reunião, o presidente da AMAPAR, Frederico Mendes Júnior, comentou que a ideia da atual gestão estará centrada na realização de encontros trimestrais do Conselho, com o objetivo de analisar contas relativas aos períodos, aplicar correções necessárias e fazer um maior planejamento dos gastos e receitas.

Frederico afirmou que o início da gestão foi marcado, também, pela austeridade quanto aos gastos ordinários e extraordinários da entidade. “Estamos evitando gastos desnecessários, desde pequenos valores e investimentos. Precisamos priorizar um maior controle das nossas e despesas para termos um planejamento futuro”, informou. O dirigente da Associação também comentou que os meses de maio e junho serão de maior tranquilidade quanto às projeções de gastos versus despesas. “A AMAPAR não pode arcar com os custos de eventos que estão fora de seu objeto”, exemplificou.

Segundo o magistrado, o ingresso de todos os 65 aprovados no último concurso para juiz substituto, realizado em 2013, contribuirá para fortalecer o caixa da entidade. “Do concurso anterior [de 2012] também temos vários pedidos de ingresso, além de outros colegas mais antigos na carreira que desejam reingressar ao quadro de associados”, destacou.

Sedes – Uma das grandes preocupações do Conselho Fiscal, quanto aos gastos, está na manutenção das subsedes da

AMAPAR e da nova sede administrativa. O novo empreendimento localizado na Rua Alberto Folloni, que está em vias de acabamento, terá despesas consideráveis, pois serão cerca de 7 mil metros² para administrar com limpeza, segurança, tributos e outros detalhes inerentes ao edifício.

O Conselho Fiscal constatou que, atualmente, 60% das mensalidades são revertidas para a manutenção das subsedes - localizadas em Curitiba e no interior do Estado. “Sobram apenas 40% para as outras despesas ordinárias, que incluem pagamento de colaboradores e outros gastos, inclusive com a atividade política e institucional desempenhada pela entidade”, informou o presidente do Conselho, juiz Jederson Suzin.

Escola da Magistratura – Outra alternativa colocada em debate está na arrecadação da Escola da Magistratura do Paraná (Emap). Diretores da AMAPAR estiveram em contato com representantes da Apajufe e Amatra, que representam juizes federais e trabalhistas, respectivamente, e ficaram surpresos, positivamente, com as receitas das escolas daquelas associações, além da estrutura enxuta de ambas as entidades. “Precisamos fomentar cursos de curta duração na Escola, vender cursos pela internet e estudar outras alternativas para que a Emap também produza receita para nossa Associação”, comentou a diretora do Conselho Fiscal, Jeane Carla Furlan.

Compareceram à reunião os magistrados Frederico Mendes Júnior, Jederson Suzin, Nilce Regina Lima, João Maria Campos Araújo, Jeane Carla Furlan, Walter Ligieri Núnior, Giovanna de Sá Rechia, Ricardo Jentzch, Marcel Ferreira dos Santos e Ricardo LuizGorla.



A diretoria da AMAPAR fez no dia 9 de maio, na Casa do Magistrado do Bairro Pilarzinho, a segunda reunião geral da atual gestão. Ao abrir o encontro, que contou com a presença de 40 magistrados, o presidente da AMAPAR, Frederico Mendes Júnior, fez um breve relato dos primeiros 90 dias de gestão. “A Associação tem avançado muito, tanto na característica de grêmio e união da classe, mas também ao intensificar a veia sindical, de lutar pelos nossos direitos e prerrogativas”, comentou Frederico.

Vale salientar a presença especial de três ex-presidentes da entidade, os desembargadores Sidney Mora (Cavuca), Ruy Fernando de Oliveira e Jorge Massad. “Os senhores são membros natos da nossa diretoria e sempre serão convidados a

participar da nossa administração”, destacou o atual dirigente da AMAPAR.

Ao apreciar assuntos administrativos, pautados previamente para a reunião, a diretoria aprovou a proposta de compra da sede de Colombo que pertence à AMAPAR. Manifestou interesse em adquirir o imóvel uma instituição de ensino superior de Curitiba, pelo preço estimado em R\$ 540 mil.

Também foi aprovada, por maioria, a campanha para reingresso de antigos e ingresso de novos magistrados ao quadro de associados. O terceiro tópico detalhado e aprovado versou sobre a utilização da recente parceria firmada pela AMAPAR com o escritório de advocacia do professor René Dotti. Ficou definido que o associado não arcará com os honorários dos serviços jurídicos prestados, mas apenas com custas e também, quando houver, sucumbência. hospedagem e deslocamento do advogado que prestará o trabalho serão suportados 70% pelo interessado e 30% pela entidade de classe.

Diretoria aprova assuntos em pauta

Campeões no tênis

Disputado entre os dias 25 e 27 de abril, no Graciosa Alphaville de Curitiba, o campeonato Sulbrasileiro de tênis para magistrados teve a equipe da Associação dos Magistrados do Paraná (AMAPAR) como a grande campeã. Além dos paranaenses, a competição reuniu magistrados adeptos do tênis dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que disputaram partidas nos modos simples e duplas. Com doze vitórias ao todo, o Paraná foi o primeiro colocado, tendo Santa Catarina em segundo lugar e os gaúchos na terceira posição.

A AMAPAR foi representada pelos seguintes tenistas: Wilson de Freitas Júnior, Marcio Prado, Arthur Rocha, André Carias Araújo, Antônio Franco Ferreira da Costa Neto, Renato Barcellos, Otávio Fischer, Hélio Lima, Albino Freire e Robson Cury.

Ao representar a diretoria da AMAPAR na entrega de troféus e medalhas, em evento realizado no domingo, na sede de Piraquara, a vice-presidente da entidade, Nilce Regina Lima, destacou que eventos esportivos engrandecem as associações e unem a magistratura. Nilce representou o presidente Frederico Mendes Júnior que estava em viagem institucional pelo interior do Estado. O diretor de tênis da AMAPAR, Wilson José de Freitas Junior, também falou aos presentes e agradeceu a participação e empenho da organização para o sucesso do evento. Magistrados catarinenses e gaúchos elogiaram a receptividade e organização do campeonato realizado em Curitiba e comentaram da necessidade de incentivar mais colegas para a prática do tênis.



Palácio da Justiça

O Engenheiro Bento Munhoz da Rocha Netto, governador do Estado, planejava comemorar o Centenário da Emancipação Política do Paraná com a inauguração de um monumental centro cívico, o primeiro do Brasil. Edifícios de grande porte agrupados para abrigar o Executivo, Judiciário e Legislativo. A região era um descampado lodoso, ao longo do Rio Belém junto ao Alto da Glória, na futura Avenida Cândido de Abreu. Ocorre que na data aprazada, 19 de dezembro de 1953, a inauguração ocorreu só na sede do Poder Executivo, o Palácio Iguazu.

O edifício destinado às secretarias de Estado não progrediu. Permanecia em construção, com 40 pavimentos, 80 metros de frente, 22 de fundo, 145 de altura. Em 1962, o Presidente do TJPR, des. Manoel Lacerda Pinto, em tratativas com os outros poderes, propôs sua ocupação pelo Poder Judiciário, que logo se instalou em três andares daquele que seria o atual Palácio da Justiça.

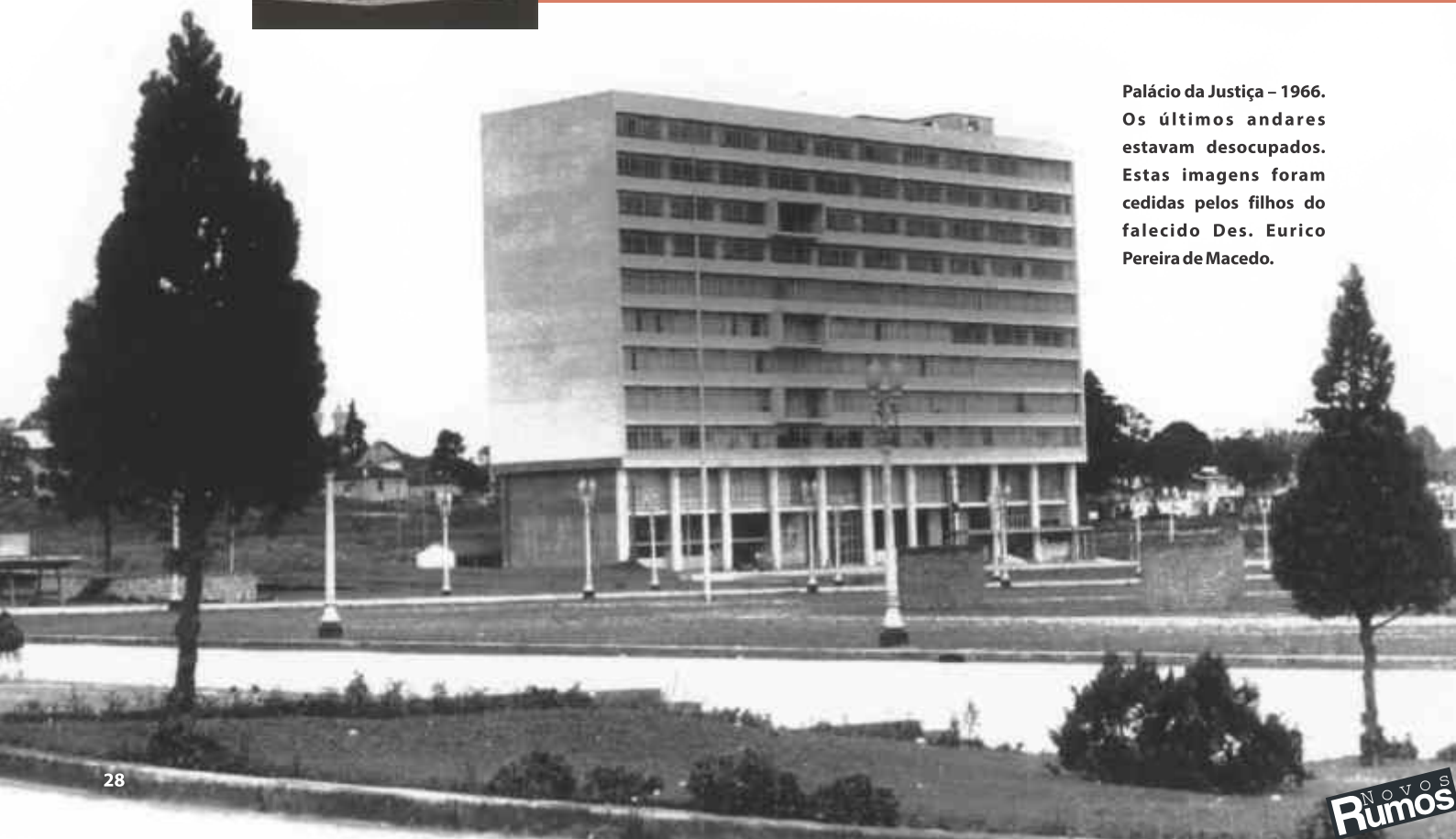


Palácio da Justiça – 1966. O jovem pinheiro, marco da Praça N. S. de Salette. Ao fundo vê-se um chalé, onde foi construído edifício que abrigou dependências do TJ e hoje é a Escola da Magistratura do Paraná.



Maquete do Palácio das Secretarias, atual Palácio da Justiça, projeto do Arquiteto Olavo Reding de Campos. Estabeleceu-se na época, que o edifício ficaria com dez andares. Nos anos seguintes ali funcionaram o Tribunal de Justiça e o fórum de Curitiba. Mais tarde foi cedido um andar à Procuradoria da Justiça e outro ao Tribunal de Alçada. Em 1978 as varas cíveis foram transferidas para prédio próprio na Av. Cândido de Abreu, as criminais e as outras para imóveis locados.

Palácio da Justiça – 1966. Os últimos andares estavam desocupados. Estas imagens foram cedidas pelos filhos do falecido Des. Eurico Pereira de Macedo.



“360 graus” é um filme dirigido por Fernando Meirelles, lançado em 2012, e que tem em seu elenco Anthony Hopkins, Ben Foster, Rachel Weisz e Jude Law. Baseou-se na peça “A Ronda”, do austríaco Arthur Schnitzler. O filme não conta apenas uma história, mas nove histórias que se desenrolam simultaneamente em vários países (Áustria, Eslováquia, Brasil, França, Inglaterra, e Estados Unidos) e vários idiomas; histórias que, em certos momentos, se entrelaçam e se interpenetram.

Dentre essas histórias está, por exemplo, a de Michael Daly (Jude Law) e Rose (Rachel Weisz). Enquanto Michael busca encontros com prostitutas, Rose mantém um caso extraconjugal com o brasileiro Rui (Juliano Cazarré). No entanto, o tema separação entre o casal é um algo impossível sequer de ser cogitado entre ambos. Rui, o amante de Rose, por sua vez, é namorado de Laura (Maria Flor), a qual deixara o Brasil para ganhar a vida em Londres com seu companheiro. Laura, após uma briga com Rui, segue para o Brasil e, durante a viagem, conhece um senhor gentil e simpático (Anthony Hopkins), o qual leva a vida tentando localizar, por longos anos e sem qualquer êxito, o paradeiro atual de sua filha, desaparecida misteriosamente há mais de dez anos. Durante as conexões e atrasos desse voo, Laura conhece Tyler (Ben Foster) no aeroporto, o qual acaba de ser libertado da prisão por vários crimes de estupro, e ainda não está totalmente recuperado de suas tendências para estes crimes. Laura, sem saber desse lado de Tyler, marca um encontro com ele num hotel. Tyler, assim, tem todo o cenário para uma recaída, não obstante não queira isto. Em meio a este contexto, pode ser lembrada também a história de Mirka (Lucia Siposová), justamente uma das prostitutas tchecas com quem Michael (Jude Law) havia agendado um encontro. Mirka pretende acumular uma razoável quantia em dinheiro para mudar de vida, mas esta mudança é sempre adiada.

O filme traz várias outras histórias. Mas, a par disso, qual seria seu verdadeiro mote? O que o nome “360 graus” tem a ver com tudo isto? Por que o filme se passa em vários países e com vários idiomas, inclusive o português brasileiro?

Ao que parece, o filme trata de um tema universal, seja no tempo ou no espaço. Independentemente do idioma que se fale, das profissões que se exerçam, das idades ou do estado civil que se encontrem as pessoas sempre haverá a dificuldade para se tomar decisões; tema, aliás, muito caro aos juízes, os quais fazem disso sua



atividade profissional, e com reflexos sociais.

O título “360 graus” justifica esta afirmação. No filme, os protagonistas, todos, estão diante de dilemas, entre seguir um caminho ou outro, fazer esta ou aquela escolha. Todavia, inúmeros fatores pesam nestas escolhas, nestas decisões. Por conta disso, muitas vezes, acaba sendo mais fácil permanecer em um círculo, um círculo vicioso, ou seja, não fazer nada; não decidir nada. Seria isto, então, já uma decisão? Parece que não.

Decidir importa escolha e assunção de responsabilidade, por conta e risco de quem decide. Permanecer como está não é decidir, equivale a não enfrentar a realidade; a fugir; a permanecer inerte, preso, amarrado. Para decidir é preciso coragem, inércia está mais para falta de coragem.

Nesta perspectiva, o filme faz lembrar do mito de Sísifo. Este mito, dentre as várias interpretações possíveis, pode ser contextualizado com o tema “decidir”. Na mitologia grega, Sísifo era considerado muito astuto, tanto que conseguiu enganar a morte várias vezes. Mas foi descoberto por Zeus e veio a ser condenado, por toda a eternidade, a rolar uma grande pedra circular de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha. Ao chegar ao cume da montanha, deixava a pedra rolar novamente montanha abaixo, ao ponto de partida, quando reiniciava a subida, infinitamente.

A questão que se coloca é: por que Sísifo não cruza a montanha e rola a pedra para o outro lado da montanha e dá cabo à sua tarefa? E a resposta pode ser: porque Sísifo não sabe o que há do outro lado da montanha. Sísifo tem medo do que vai encontrar. Em razão disso, Sísifo não decide. Prefere ficar na zona de conforto. Ele se conforma com sua situação e, simplesmente, deixa a “vida” passar.

Para decidir é preciso fazer escolhas. Escolhas implicam em perdas; em “mortes”. Quem decide por um caminho elimina (“mata”) outro(s). Lembre-se, antes, que Sísifo é o “astuto” que burla a morte, porém, no final, acaba condenado. Em sua condenação mantém a postura anterior, ou seja, não quer morrer; continua querendo burlar a morte. Por assim agir, deixa de decidir; em suma: deixa de viver.

Retornando ao filme, resta saber se os personagens conseguirão, ou não, romper a barreira dos “360 graus” e imprimir novos rumos à suas vidas a partir de suas decisões. Decisão exige sinceridade para consigo próprio, responsabilidade, coragem...

“Querer vencer significa já ter percorrido metade do caminho da vitória.”

Paderewsky

Ápodo ou ápode

= desprovido de pés.

Não confundir com apodo (paroxítone, pron. “apôdo”), que significa gracejo, zombaria, comparação demeritória.

Hecatombe (do grego, através do latim “hecatombe”). Na antiguidade, denominava-se o sacrifício de cem (hekatón) bois (boús). Hecatombéias, na Atenas clássica, eram festas em que se sacrificavam cem bois, em homenagem a Zeus. Hoje, é sinônimo de grande desgraça, massacre de grande número de pessoas.

Hediondo

(do espanhol = fedorento) significa nauseabundo, horrendo, repulsivo. Crime hediondo: crime revoltante.

Você sabia que **hirto** quer dizer sem flexibilidade, retesado, duro?

Chamava-se **Inês de Castro** aquela que deu origem ao provérbio “Inês é morta”. Depois de morta (por decapitação), ela foi agraciada (?) por Dom Pedro (o oitavo rei de Portugal) com o título de rainha. Um pouco tarde, convenhamos...

Lemos no jornal:

a) Para deixar às portas abertas.

b) Não ajudar a manter às portas abertas.

Errado! Ora, tanto o verbo deixar como manter são transitivos diretos (deixar o quê? Manter o quê?). Logo, não há razão para aquele acento grave em “às”. O certo é: deixar as portas; manter as portas.

Óbolo

(do grego obolós), “pequena moeda grega”, é sinônimo de esmola.

Paulatino

(do lat. paulatim) quer dizer feito em etapas, gradualmente.

À BEÇA. Segundo Deonísio da Silva, a origem dessa expressão é atribuída à profusão de argumentos utilizados pelo jurista alagoano Gumerindo Bessa, ao enfrentar Rui Barbosa, em memorável disputa pela independência do então território do Acre, que seria incorporado ao Estado do Amazonas. Com o tempo, o sobrenome famoso (Bessa) perdeu a inicial maiúscula, enquanto os dois esses foram substituídos pela letra cê.

O Bem e o Mal



No alto de uma montanha, no interior de uma gruta de onde sempre saía uma fumaça branca, morava um monge. O monge era um ermitão, porque jamais alguém o viu descendo para a vila, na parte de baixo do morro. E também nunca ninguém subiu para visitá-lo.

Havia a crença, generalizada, de tudo que acontecia de ruim na vila era por ordem do monge. Se a seca se prolongava, era o monge que queria. Se chovia muito, alagava a cidade e destruía as plantações, era culpa do monge. A morte de uma criança era logo atribuída à vontade do monge. Até nas separações, o causador da desavença entre os casais era o monge.

Um dia, no entanto, a falta de chuva se prolongou demasiadamente. Os lagos secaram, as plantações definharam, os animais estavam morrendo e já não havia mais água nem para beber. O caos estava instalado.

Foi aí que o Prefeito teve uma ideia:

- Meu povo, não há jeito. Teremos de ir conversar com o monge e pedir-lhe clemência. É o que nos resta.

Houve um tumulto na plateia. Ninguém tinha coragem de subir o morro. Um a um os homens foram abaixando a cabeça e saindo. Restou uma mulher.

- Senhor Prefeito, eu irei até lá em cima conversar com o monge.

O Prefeito desejava que o voluntário fosse um homem forte, em condições de enfrentar – e vencer o inimigo – mas obedecendo à lei da oferta e da procura, agradeceu à mulher e lhe desejou boa sorte.

A subida era difícil. A montanha era íngreme. O ar, rarefeito. Com muito custo, no segundo dia de caminhada a mulher chegou à beira da caverna. Assustada, bateu palmas e gritou:

- Óh! De casa?

Uma voz suave veio de dentro da caverna:

- Pode entrar, minha filha.

A mulher entrou e se deparou com uma casa muito simples. Sentado numa cadeira estava um velho de barbas brancas e longas.

- O que você deseja, minha filha? – perguntou.

- Vim pedir clemência. O nosso povo está morrendo de sede. O senhor precisa nos mandar água urgentemente.

O monge deu uma risadinha e a convidou para ir aos fundos da caverna.

- Veja, aqui tenho um rio abundante. Nunca falta água. Se o problema de seu povo é falta d'água, isso está resolvido. Volte ao seu povo, traga alguns homens com canos e eu mandarei água para baixo, o quanto for preciso até que as chuvas voltem.

A mulher desceu e contou a novidade. O Prefeito logo entendeu tudo. Na verdade, lá em cima haveria dois monges. Um do bem e outro do mal. A mulher teria tido a sorte em bater na porta do monge do bem. Se tivesse batido na do mal não teria retornado para contar o que vira.

O Prefeito reuniu uma comitiva e subiu o morro. O monge conversou longamente com ele e lhe deu uns conselhos. Na época das chuvas o senhor deve fazer um lago e canalizar a água. Deve fazer esgotos para evitar doenças. Dar alimentação às crianças carentes, para evitar a mortalidade infantil...

Tudo foi feito como o monge pediu e a cidade voltou à vida normal. Quando tinha um problema mais sério, o Prefeito subia o morro e de lá voltava com a solução.

Tudo corria bem. Mas um dia chegou a notícia de que o monge do bem estava morrendo. O Prefeito subiu o morro desesperado.

- O senhor não pode morrer. Se morrer, o monge do mal voltará a nos atacar e nós não teremos a quem recorrer. Pelo amor de Deus, não morra!

- Fique tranquilo – respondeu o monge. Na verdade, nunca existiram dois monges. O do mal só existia na cabeça de vocês. Vocês o criaram. Por isso, toda vez que lhe vier um pensamento ruim à cabeça, afaste-o e o substitua por um pensamento bom. E trabalhe. Ensine isso ao seu povo e sempre viverão felizes. Agora pode voltar.

O prefeito se afastou cabisbaixo. Sabia que não poderia mais usar a desculpa da existência de um monge mau para justificar as mazelas de sua má administração.

Ena caverna, a fumaça parou de sair. Para sempre.



Rocha

LEILÕES
MAGNO ROCHA
LEILOEIRO OFICIAL/RURAL

AQUI O TRABALHO VAI ALÉM DE BATER O MARTELO.

Assessoria completa e especializada
para você ficar tranquilo.

Com uma vasta experiência no segmento, a **Rocha Leilões** presta **toda assessoria** para realizar o seu leilão, desde a preparação dos documentos até a veiculação da publicidade do mesmo.

O escritório possui uma **equipe qualificada** que acompanha todo o processo de venda, **solucionando** todas as dúvidas que possam surgir e trazendo **comodidade** ao contratante, além da **certeza de bons negócios** a cada leilão.

CONSULTE-NOS.

WWW.ROCHALEILOES.COM.BR

R. Alferes Poli, 311 - Sala 4 - Centro - Curitiba/PR | **41.3077 8880**